



Como os alunos da Escola Vera Cruz se relacionam com as mídias?

Resultados de uma pesquisa





Não se deixe enganar!
Só **Mentira & Cia.** disponibiliza as
verdadeiras notícias falsas!



Como os alunos da Escola Vera Cruz se relacionam com as mídias?

Resultados de uma pesquisa



DIREÇÃO GERAL
Heitor Fecarotta

DIREÇÃO DE GESTÃO
Marcelo Chulam

DIREÇÃO PEDAGÓGICA
Regina Scarpa

Como os alunos da Escola Vera Cruz se relacionam com as mídias?

PESQUISA

CONCEPÇÃO
Flora Perelman (Universidade de Buenos Aires)

ACOMPANHAMENTO

Coordenação geral da pesquisa

Regina Scarpa

Diretora Pedagógica

Ana Bergamin, Daniel Helene e Débora Rana
Coordenadores

Carla Ronco, Cristina Maria Coin de Carvalho e Luiz Venâncio Rodrigues Aiello
Professores coordenadores de Língua Portuguesa

Ana Paula Gaspar

Assessora de Tecnologia Educacional

Tabulação de dados

Ana Paula Gaspar e Rosângela Gerardi



PUBLICAÇÃO

CONCEPÇÃO
Regina Scarpa e Cristina Maria Coin de Carvalho

EDIÇÃO

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

PROJETO GRÁFICO

Juliana Lopes (Casa Vera Cruz)

Kiki Millan - direção de arte (Casa Vera Cruz)

REVISÃO

Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)

Laís Alcantara (Casa Vera Cruz)

APOIO EDITORIAL

Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)

TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO DE FALAS DE FLORA PERELMAN
Clarissa Batalha

IMAGEM DA CAPA (adaptada) / IMAGEM DA PÁGINA DE ROSTO
(versão original)

Reinaldo Figueiredo/Revista Piauí (cortesia)

São Paulo, março a maio de 2020

Janeiro de 2021

Catálogo: Alexandre C. Leite / CRB8-7007

Como os alunos da Escola Vera Cruz se relacionam com as mídias?: resultado de uma pesquisa / editado por Claudia Cavalcanti. - São Paulo : Vera Cruz Edições, 2021.
104 p. : il.

1. Meios de comunicação de massa 2. Pesquisa em Ciências Sociais I. Cavalcanti, Claudia

CDD 302.23
300.72

1. Meios de comunicação de massa - aspectos sociais - 302.23
2. Pesquisa em Ciências Sociais - 300.72

A Escola Vera Cruz agradece a professora Flora Perelman pela parceria e generosidade na realização deste trabalho conjunto, mesmo que à distância. Para nós, educação é relação, e por isso acreditamos que encontros como o nosso têm um valor extraordinário, já que incitam em todos o desejo de continuarmos produzindo e aprendendo sobre um tema cada vez mais importante nos dias de hoje.

sumário

08 introdução

Regina Scarpa

10 apresentação da pesquisa

Flora Perelman

18 análise das representações gráficas

36 dados e análise do questionário

98 o papel da escola na leitura crítica de notícias

102 referências bibliográficas

Regina Scarpa*

introdução

* Regina Scarpa é diretora pedagógica da Escola Vera Cruz e do Instituto Vera Cruz.

Em quase seis décadas de existência, a Escola Vera Cruz tem realizado um trabalho expressivo com as diversas práticas de linguagem, tendo na leitura um viés precioso. Desde a Educação Infantil até a pós-graduação, a formação de uma comunidade leitora – que envolve alunos, educadores e funcionários – revela um princípio fundamental do projeto político-pedagógico da Escola. O expressivo acesso às bibliotecas da instituição e o exercício dos projetos cidadãos, como o Encontros de Leitura e a Rede Vaga Lume, demonstram que a leitura como prática cidadã ultrapassa os limites da Escola. Além disso, o Instituto Vera Cruz é uma referência na área, com a oferta de cursos que ampliam as possibilidades de produção acadêmica e experiencial relativas à formação de leitores e escritores. O fazer investigativo é um princípio norteador de nossas ações pedagógicas e, por isso, é profunda a satisfação de participarmos de uma pesquisa relacionada à leitura de notícias, um importante gênero discursivo do campo jornalístico/midiático.

Hoje, sabemos que as notícias constroem realidades; é um papel importantíssimo da escola trabalhar com a formação de seu aluno, para que alcance uma crítica progressiva, ao longo de sua escolaridade, em relação ao poder das mídias.

Nesta publicação, a professora doutora Flora Perelman analisa os resultados de uma pesquisa com nossos alunos, desde o 4º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio. A pesquisa, “Como nossos alunos se relacionam com as mídias?”, já havia sido feita em escolas públicas do município de Buenos Aires e, a convite de Flora, a repetimos no Vera. São várias perguntas, que buscam investigar como nossos alunos compreendem o processo de construção de notícias e mapear as fontes de informação utilizadas: qual é a gênese da criação de uma notícia, que notícias lhes interessam, de que notícias se lembram – das recentemente ouvidas ou assistidas – que meios eles recomendam ou não recomendam e por quê.

Inicialmente, os resultados da pesquisa seriam divulgados em um evento presencial, mas no estranho ano de 2020 ele precisou ser virtual; agora, ele foi transformado nesta publicação, tão útil quanto reveladora, tanto para educadores quanto para os próprios alunos e suas famílias.

Flora Perelman*

apresentação da pesquisa

- * Flora Perelman é doutora em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires, especialista em Educação com Foco em Escrita e Alfabetização pela Universidade Nacional de La Plata e professora da pós-graduação da Universidade de Buenos Aires, da Universidade de La Plata e Universidade Nacional de Rosário. Flora dirige e assessora pesquisas vinculadas à leitura e escrita em contextos de estudos, à leitura na internet e à leitura e escrita de notícias midiáticas. É autora de diversos livros e artigos sobre esses temas.

Este é um trabalho compartilhado. Aqui, apresento o contexto da pesquisa feita na Escola Vera Cruz e me concentro em alguns resultados. Na conclusão, apresento algumas questões da pesquisa didática.

Em primeiro lugar, consideramos que a educação midiática é um direito dos e das estudantes como cidadãos e cidadãs. Por quê? Porque as mídias constituem uma dimensão fundamental na nossa experiência contemporânea. E a escola tem várias funções; a primeira delas é a de buscar desconstruir o universo midiático das notícias em sua complexidade. A segunda é ajudar as crianças e os jovens a compreenderem como as mídias os constituem, como fazem parte de sua visão de mundo e das formas de elaborar e compartilhar significados. Em terceiro lugar, a escola vai acompanhá-los em sua formação não só como cidadãos críticos e reflexivos, mas como protagonistas de suas próprias histórias. Por último, uma das funções fundamentais da escola é a de ampliar as possibilidades de ação e transformação da realidade por meio do uso da palavra.

David Buckingham é um especialista inglês, que há 30 anos trabalha com a educação e as mídias. Ele diz algo muito interessante, que “a educação midiática deve ser direcionada às crianças para aprofundar sua compreensão do papel desempenhado pela mídia na formação de sua própria identidade e nas relações complexas que todos nós temos com os textos que consumimos. E, fundamentalmente, entender que as representações da mídia podem ser debatidas por todos os lados com paixão” (Buckingham, 2020)¹. Ou seja, de acordo com o autor, é preciso rompermos com essa ideia de passividade, de recepção e pensarmos em um sujeito que olha para si mesmo, que olha para o mundo e tenta transformá-lo.

Masterman, outro autor inglês, também pesquisador de mídias, afirma que “a educação midiática

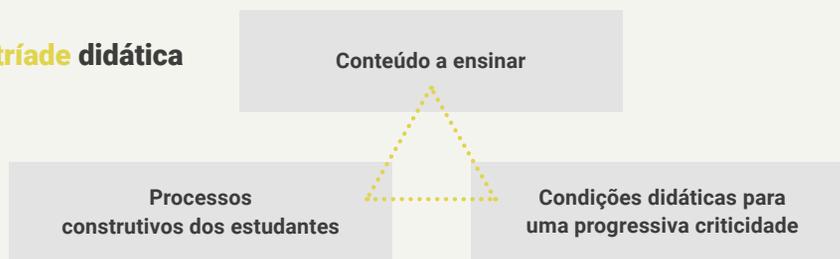
1. BUCKINGHAM, D. The media education manifesto. *European Journal of Communication*, v. 35, n. 1, p. 85, 2020.

deve ter como objetivo aumentar o conhecimento dos alunos sobre como a mídia funciona, como ela produz sentido, como se organiza, como faz parte da indústria de construção da realidade e como essa suposta realidade oferecida pela mídia é interpretada por aqueles que a recebem” (Masterman, 1983)².

Nossa pesquisa, iniciada em 2010, na Universidade de Buenos Aires³, tem dois objetivos. O primeiro foi o de investigar, a partir do referencial do construtivismo situado, as conceituações dos estudantes sobre a produção de notícias midiáticas. O segundo objetivo, de caráter didático, foi desenhar e testar sequências didáticas que promovam a passagem do menor para um mais amplo conhecimento, que possibilite a leitura crítica das notícias. Esse segundo objetivo é o que estamos desenvolvendo no momento.

A ideia da pesquisa é analisar a tríade didática — ou seja, que conteúdo ensinar para a leitura crítica de notícias, quais são os processos construtivos dos estudantes e quais são as condições didáticas necessárias para que eles avancem em direção a uma criticidade progressiva. Quanto ao conteúdo, Delia Lerner nos ensina que temos que “interrogar os conteúdos instituídos nas escolas — aqueles que são ensinados há tanto tempo que se naturalizam e raramente constituímos objetos de reflexão para desnaturalizá-los, questioná-los do ponto de vista dos fins educativos e transformá-los para que se aproximem dos fins que nós perseguimos” (Lerner, 2017:15)⁴.

Abordagem da **tríade didática**



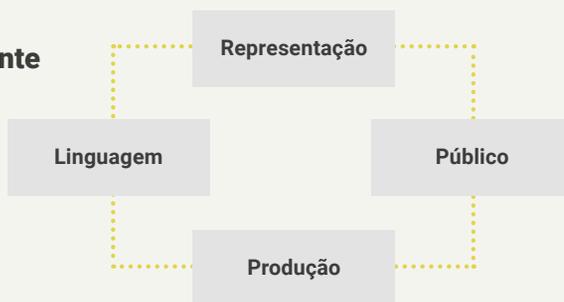
2. MASTERMAN, L. Media education: theoretical issues and practical possibilities. *Prospects*, v. 13, n. 2, p. 183-191, 1983.
3. Trata-se de três projetos trianuais consolidados aprovados e subsidiados pela Secretaria de Ciência e Técnica da Universidade de Buenos Aires para os períodos de 2010-2012, 2013-2016 e 2017-2019 (Faculdade de Psicologia, Cátedra de Psicologia Educacional I e Psicologia e Epistemologia Genética I. Integrantes: Flora Perelman, Débora Nakache, Gabriela Rubinovich, Patricio Román Bertacchini, Vanina Estévez, Jimena Dib e Diana Grunfeld).
4. LERNER, D. *Leer para aprender historia: una investigación colaborativa protagonizada por equipos de docente*. Buenos Aires: UNPE Editorial Universitaria, 2017.

Na leitura de notícias, temos que desnaturalizar vários conteúdos. O primeiro deles é que, habitualmente, a notícia é pensada como um tipo de texto descontextualizado; já a língua é ensinada como a descrição de suas partes e estrutura. Em contrapartida, outras áreas consideram as notícias como texto exclusivamente informativo para o ensino de ciências (Ciências Sociais e Naturais). Ambas compreendem um conteúdo que já está tão instituído na escola que nos afasta do conceito de notícia — esse conceito que pensamos como um texto produzido no âmbito de uma complexa maquinaria de mídia, que tem suas próprias regras de funcionamento, sua dinâmica de produção, circulação e consumo e que, ao mesmo tempo, tem um mandato social. Portanto, é necessário

superarmos a ideia de que o texto informativo é neutro. Ele não é, não reflete a realidade, mas a constrói a partir de diferentes pontos de vista e responde às linhas editoriais das empresas de mídia que o produzem. Esse é o grande salto que temos que dar para favorecermos uma leitura crítica.

David Buckingham levanta quatro conceitos, dimensões entrelaçadas dialeticamente. Esses conceitos, além da escolaridade, deveriam permitir que os assuntos avançassem no mesmo ritmo, cada um dos quais discutirei, posteriormente.

Dimensões **entrelaçadas** dialeticamente



A **representação** implica que os estudantes entendam que as notícias, longe de serem uma “janela para o mundo”, são uma construção, uma encenação em que os fatos da realidade são apresentados a partir de uma determinada

perspectiva. Buckingham é muito claro: “as representações da mídia nos convidam a ver o mundo de uma certa maneira e não de outra. Tais representações são necessaria-

mente tendenciosas e dificilmente objetivas, apesar do fato de que a mídia tenta parecer verdadeira e objetiva e tenta construir um discurso realista” (Buckingham, 2005)⁵. As mídias reconhecem muito pouco essa característica da representação, e esse é um problema da apropriação do conhecimento.

O segundo conceito é o da **produção**, que reconhece que os textos de mídia que lemos já finalizados, entregues, são produções coletivas, e não pessoais ou individuais. Esses textos compreendem, portanto, produções de empresas ou indústrias de mídia. É fundamental entendermos que todas essas empresas são atravessadas por uma complexa teia de interesses econômicos, políticos e sociais. Tais interesses vão definir e delimitar o campo do noticiário, que linha editorial orienta a seleção da cobertura de determinados eventos, como tratar a informação para torná-la de interesse público, a quem se destina e como são seus modos de distribuição.

Não menos importante, o terceiro conceito é o **público**. Ele possui dois ângulos, e um deles versa sobre a mídia, que tem como alvo um determinado público. Ela não tem, apenas, o objetivo de informar, pois oferece também textos apelativos, que tratam de gerar inte-

resse para aumentar seus seguidores. E o outro ângulo é o do público. Os alunos têm que compreender que os discursos midiáticos podem ser interpretados pelo público de múltiplas formas, e analisar os significados que eles constroem, bem como suas diversas avaliações. A escola é, portanto, um âmbito essencial para que isso aconteça e para que os alunos se descubram como público.

Por último, temos a **linguagem**, que compreende como as mídias criam um discurso — que para nós parece ultrapassado, mas que comunica certos significados. No caso do discurso audiovisual, a que os alunos estão muito acostumados, é preciso percebermos alguns aspectos que não estão visíveis. O discurso audiovisual requer uma tomada de decisões contínua, de gestão de câmeras, planos, a definição do papel do som e da musicalização, as imagens que são selecionadas, o uso do cenário, a escolha da transmissão ao vivo ou gravada etc. Assim, tudo aquilo que faz uso de ferramentas

5. BUCKINGHAM, D. *Educación en medios: alfabetización, aprendizaje y cultura contemporánea*. Barcelona: Paidós Comunicación, 2005.

semióticas emprega as notícias para a construção de sentido. Então, podemos entender que é de uma enorme complexidade a aproximação dessas notícias veiculadas pela mídia.

Ante esse objeto tão complexo, nossa pesquisa tem percorrido um longo caminho, que é o de buscar compreender como os estudantes constroem esses objetos, que sentidos e hipóteses são construídos na interação com as mídias. Claro que partimos de um marco construtivista situado e relacional (Castorina, 2014)⁶, o que significa que não só os objetos produzem hipóteses. Partimos da ideia de que as conceituações sobre a notícia e suas variações estão intimamente vinculadas ao capital cultural e às práticas sociais das quais os sujeitos participam.

Usamos três instrumentos metodológicos para a pesquisa psicológica. Num deles, pedimos aos alunos que representem graficamente, individualmente e em grupo como concebem a produção de notícias. Veremos alguns resultados compartilhados pela Escola Vera Cruz. Outro instrumento são as pesquisas individuais que avaliam as práticas sociais cotidianas dos estudantes em relação à leitura de notícias. Avaliaremos esses resultados na segunda parte deste trabalho, com o apoio de Regina Scarpa.

Finalmente, um instrumento muito valioso, que usei entre grupos psicológicos e didáticos, que foi a decisão de fazermos grupos focais com os estudantes para leituras de notícias. Assim, conseguimos nos aproximar das interpretações de suas leituras e das condições e intervenções didáticas que os fazem avançar.

Antes dos questionários, vou me ocupar das representações gráficas, que vão nos ajudar a entender os resultados das perguntas. A representação gráfica de como se produzem as notícias parte de duas grandes questões: quais são as hipóteses que os sujeitos constroem em sua interação com a mídia? E: como concebem os processos de produção das notícias? Eles tratam da ideia de notícia como uma construção da realidade? Entendem o papel do público? Que aspectos da linguagem consideram na produção de notícias? Precisamos saber como pensam nossos alunos, quais são suas ideias.

6. CASTORINA, J. A. La psicología del desarrollo y la teoría de las representaciones sociales. La defensa de una relación de compatibilidad. In: CASTORINA, J. A.; BARREIRO, A. (coord.). *Representaciones sociales y prácticas en la psicogénesis del conocimiento social*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2014.

Projeto de investigação da Universidade de Buenos Aires

Objetivos

Indagar, a partir do marco de um construtivismo situado, as **conceitualizações dos e das estudantes sobre a produção de notícias na mídia** (programações 2010-2012 e 2010-2016)

Desenhar e pôr à prova sequências didáticas que propiciem a passagem de um menor a um maior conhecimento, **que possibilite a leitura crítica das notícias na mídia** (programação 2017-2020)

Em primeiro lugar, temos uma concepção muito importante, em nossa cátedra da Universidade de Buenos Aires. Por muito tempo, temos trabalhado com pesquisas que têm a ver com objetos sociais, que foram encaradas por diferentes autores, como José Antonio Castorina, Beatriz Aisenberg e muitos outros. Mas o importante é que descobrimos que os objetos sociais são mais complexos, porque têm o sujeito como alvo de sua ação. Isso dificulta o distanciamento, a compreensão e a lógica desse objeto. Por outro lado,

partimos de um conceito de Jean Piaget e Rolando García (1982)⁷, que diz que há uma relação entre as hipóteses que os sujeitos vão construindo e a história social de aproximação a esse objeto. É muito importante, além disso, conhecermos a história das mídias, porque ela também envolve um conhecimento maior do que os obstáculos que os sujeitos enfrentam em relação a esses objetos.

7. PIAGET, J.; GARCÍA, R. *Psicogénesis e historia de la ciencia*. México: Siglo XXI, 1982.

análise das representações gráficas

Como os alunos pensam que as notícias são produzidas

Demos a seguinte consigna para grupos de três ou quatro alunos:

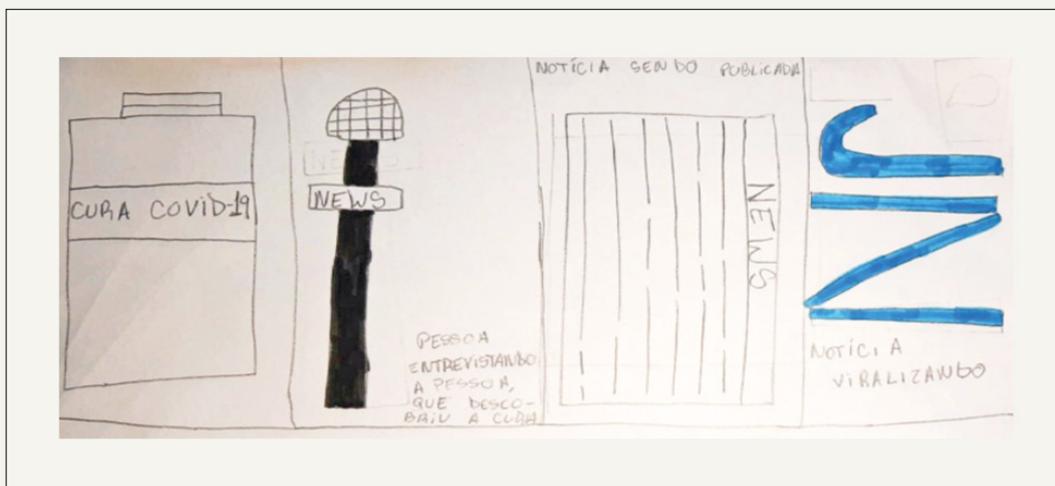
“Desenhem ou façam um esquema sobre como vocês pensam que as notícias são produzidas. Vocês podem acrescentar, por escrito, tudo o que julgarem necessário para que se entenda melhor o que desenharam.”

Dentre os esquemas e desenhos enviados, foram escolhidos, para análise, os que apresentavam concepções opostas, os que eram menos críticos e aqueles que eram mais críticos dentro de cada grupo.

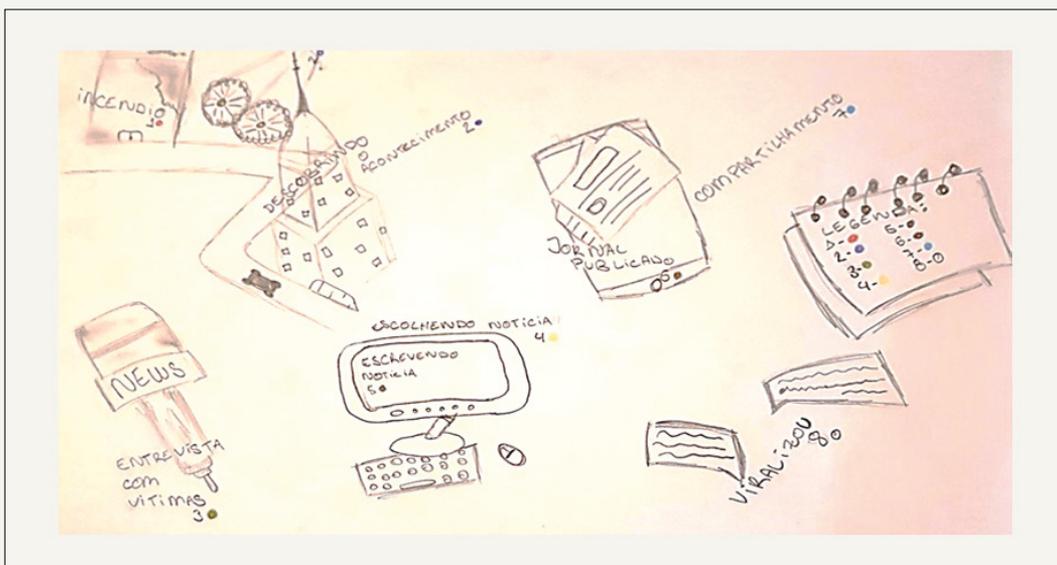
Comentários de Flora Perelman

Ensino Fundamental – 6º ano

O primeiro desenho é muito interessante. Vejam que atual. Ele foi feito em junho deste ano, em 2020. Os estudantes já estavam pensando na cura da doença, pois a notícia é, justamente, sobre a cura da covid-19. Vejam que desejo tão grande eles expressaram. Como analisei: de que modo os alunos pensam que se constrói a notícia? É a cura, a pessoa não aparece, mas um jornalista entrevista a pessoa que descobriu essa cura, e, imediatamente, já aparece a notícia publicada. Nota-se que a cura aparece em um jornal. E, logo em seguida, podemos ver a viralização. Essa seria uma concepção pessoal, porque se pensa que uma pessoa faz a entrevista e, rapidamente, ela é publicada, como se não houvesse intermediários.

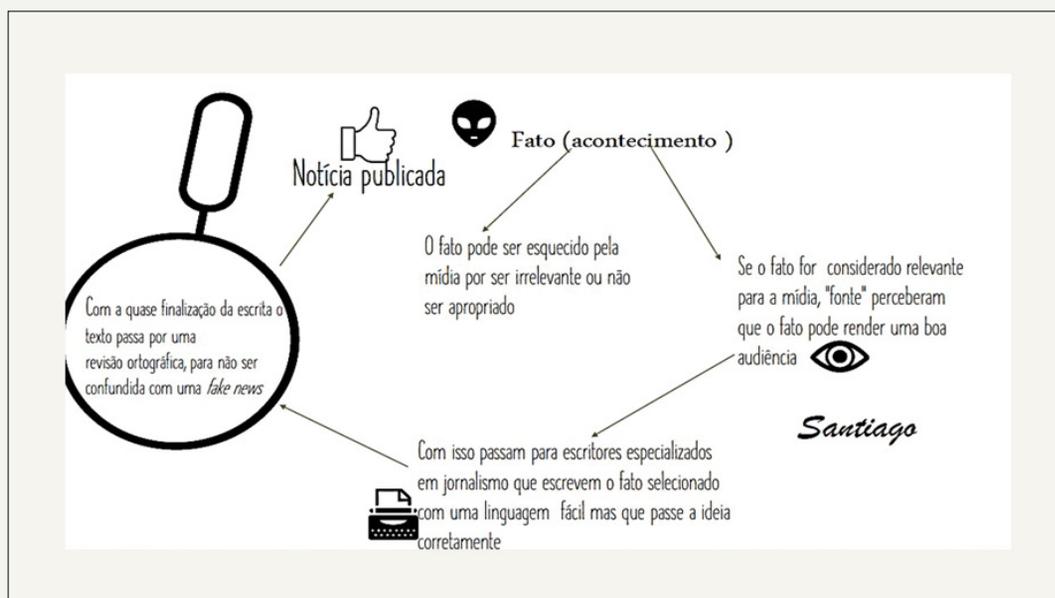


Já o segundo desenho é um pouco mais complexo. As crianças colocaram números para seguirem o caminho. Temos um acontecimento, que é um incêndio, logo temos o descobrimento do acontecimento; não se sabe como ele foi descoberto. Então, temos novamente a entrevista como única fonte. E aqui, uma novidade: a notícia é escolhida e selecionada, mas não se sabe qual é o critério. A notícia é redigida, a maneira como ela será escrita é pensada – diferentemente do que ocorre no desenho anterior. E, novamente, aparece o jornal já publicado e a viralização da notícia.



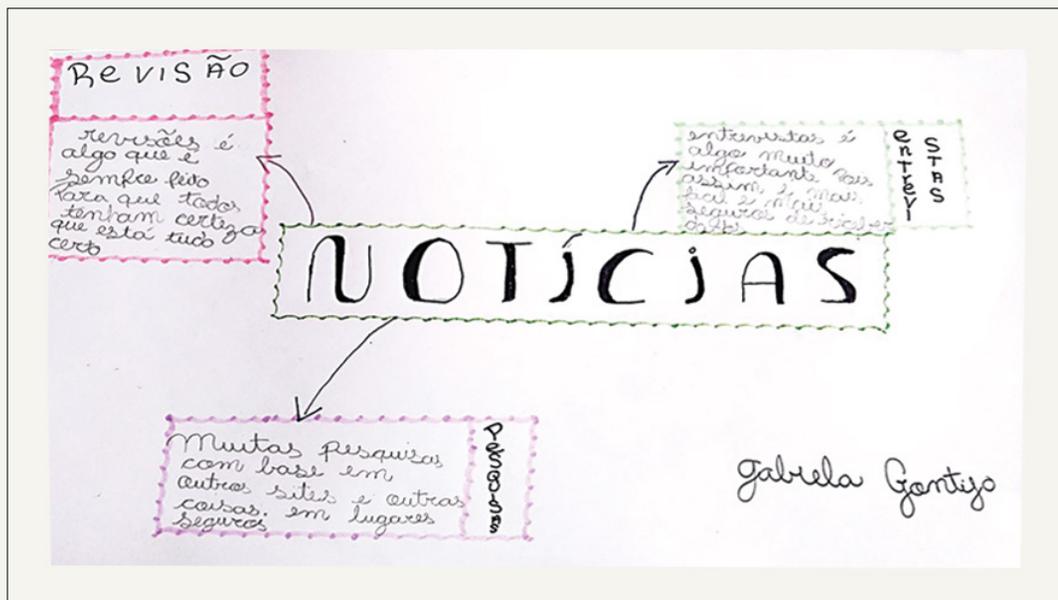
O terceiro desenho selecionado é o mais avançado do 6º ano, porque fala de um acontecimento geral e da possibilidade de escolha de um tipo de notícia. Ele fala de uma notícia que pode ser esquecida, irrelevante ou inapropriada. E a outra opção é a notícia escolhida,

que pode levar a uma boa audiência. Aparece pela primeira vez a audiência. Em seguida, surge, novamente, a situação em que a notícia é escrita por uma pessoa especializada, e isso é muito interessante, pois ela transforma o texto em uma linguagem fácil, para que transmita corretamente a ideia. Há uma percepção de que o jornalista é alguém que quer conseguir que a audiência compreenda melhor a notícia. Existe uma concepção do jornalista como um benfeitor, que está transmitindo uma informação da melhor forma possível. E isso também é muito interessante, pois levanta a questão de que o texto deve passar por uma revisão ortográfica, para que não seja confundido com *fake news*. Para eles, um dos indicadores das *fake news* é a revisão ortográfica; que, resolvendo isso, pode-se melhorar o problema das notícias falsas.



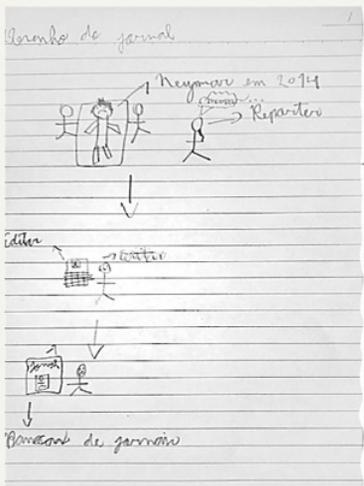
Ensino Fundamental – 7º ano

O 7º ano avança, pois alega que as notícias precisam de entrevistas, que consideram muito importantes, como vimos anteriormente, pois assim é mais fácil e mais seguro receber os dados. Mas, aqui, se avança com as fontes, muitas pesquisas com base em outros sites e outros lugares seguros. Há um avanço no processo de produção. Aparece, também, a questão da revisão, para que todos tenham certeza de que está tudo certo. Também é mantida uma concepção de que as notícias têm que ser precisas e estão muito perto do conceito de notícia como verdade.



Neste caso, temos um grupo que dividiu em quatro partes o processo da produção das notícias. A primeira pergunta que os alunos se fazem é: “como são

selecionados os fatos a serem noticiados?”. E isso levanta algo novo, porque dizem: “os fatos noticiados são escolhidos de acordo com as polêmicas, porque o jornal não pode, simplesmente, falar algo que não está nos temas do momento, como, por exemplo, não falar do coronavírus”. Estão pensando não só em terem mais audiência, mas em como as notícias se vinculam com os problemas que estão surgindo na sociedade. O que ainda não percebem é que, muitas vezes, as notícias impõem as polêmicas — aqui temos somente a notícia atenta às polêmicas sociais.



1-Como são selecionados os fatos a serem noticiados?

- Eu acho que os fatos noticiados são escolhidos de acordo com as polêmicas, porque o jornal não pode simplesmente falar algo que não está nos temas do momento, como por exemplo, não falar do coronavírus.

Alê, Joca, Fran, Sottili

A outra pergunta é: “que caminho percorrem até sua transformação em notícia?”. E temos, aqui, algo muito interessante, porque aparece de novo a preocupação em diferenciar as notícias falsas, com

a correção e revisão do texto, para sua publicação. E não aparece somente o jornal impresso, mas o jornal *online*, o rádio e a televisão. Amplia-se o conceito de meios de divulgação.

2-Que caminho percorrem até sua transformação em notícia?

Os fatos são mandados para a imprensa e, então, reportados aos jornais e noticiários após estudados e revisados, para serem diferenciados das notícias falsas, corrigidos e aceitos para publicação. Assim, são mostrados em jornais online, impressos e transmitidos por rádio e televisão.



The illustration consists of four distinct media-related icons arranged horizontally. From left to right: a computer monitor displaying a globe icon, a smartphone displaying a map icon, a desktop computer monitor displaying a globe icon, and a radio next to a newspaper icon. Each icon is placed on a simple grey rectangular base.

Na terceira pergunta, surgem novos sujeitos. O editor-chefe é quem decide se a notícia merece ser escrita e busca mais informações para escrever: muito interessante! – um “texto bom e informativo”. Os alunos seguem pensando que sempre há uma intenção bondosa, que busca o bem das pessoas. “Então irão mandar para o editor, que novamente escolherá se a notícia será publicada.” Aparece, muito fortemente, a questão da seleção.

3-Como são produzidas as notícias?

Primeiro as informações são captadas, depois são apresentadas ao editor-chefe, que pode escolher se a notícia será escrita. Caso o editor-chefe decida que a notícia merece ser escrita, eles irão estudar e buscar mais informações para conseguirem escrever um texto bom e informativo. Então irão mandar para o editor, que novamente escolherá se a notícia será publicada ou não.



E, finalmente, quando refletem sobre “como são veiculadas?”, pensam em todos os meios que já citamos.

4-Como são veiculadas?



As notícias são veiculadas por meios de informações como: jornais impressos, jornais digitais, rádio e programas de televisão. As notícias são passadas de forma formal (tanto a escrita quanto a oral) e clara, possuindo o acontecimento, onde e data, como por exemplo: “ontem, dia 31 de maio, os casos de covid-19 aumentaram 10%”.

Ensino Médio – 1ª série

O grande salto na interpretação aparece no Ensino Médio. Nesta primeira representação, os alunos discutem a importância, na produção de notícias, de se escolher uma foto que seja relevante para um elevado número de pessoas; surge a ideia de verificação da fonte – porém, não se trata apenas de buscar outras fontes, mas também outros pontos de vista, assim como a ideia de que não há apenas um ponto de vista quando se constrói uma notícia. E se menciona, ainda, que é possível escrever uma notícia sem deixar que sua própria opinião apareça. E, novamente, a revisão para publicação.

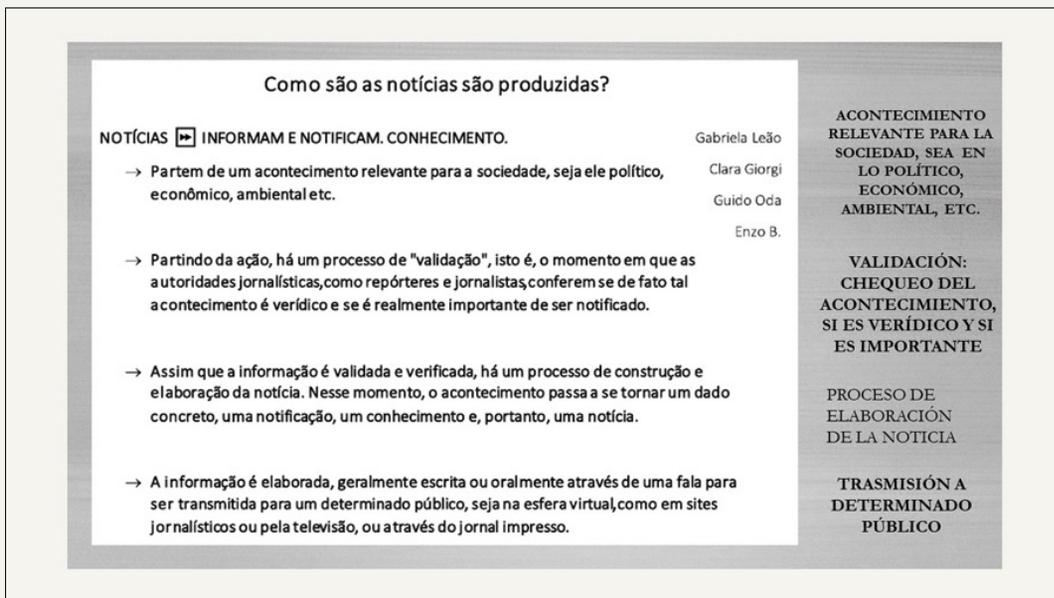
The image shows a handwritten flowchart on lined paper, with a checklist on the right. The flowchart is written in Portuguese and outlines the steps for producing a news item. It starts with 'Escolher um foto que seja relevante para um número grande de pessoas' (Choose a photo that is relevant for a large number of people). This leads to 'Verificar a fonte, é realmente uma foto?' (Check the source, is it really a photo?). The next step is 'Pesquisar o foto que esse conteúdo notícias, mencionando todos os foto relevantes' (Research the photo that this content news, mentioning all relevant photos). This leads to 'Procurar outros pontos de vista sobre o foto e dar espaço a eles' (Look for other points of view about the photo and give space to them). The next step is 'Junta o número do foto com os outros pontos de vista e escrever uma notícia sem deixar a sua própria opinião interferir no resultado' (Join the number of the photo with the other points of view and write a news item without letting your own opinion interfere with the result). The final step is 'Confirmar tudo, revisar e publicar' (Confirm everything, review and publish).

The checklist on the right, in Spanish, lists the following steps:

- ESCOGER UNA FOTO QUE SEA RELEVANTE PARA UN NÚMERO GRANDE DE PERSONAS
- VERIFICAR LA FUENTE
- PROCURAR OTROS PUNTOS DE VISTA
- ESCRIBIR UNA NOTICIA SIN DEJAR QUE SU PROPIA OPINIÓN INTERFIERA EN EL RESULTADO
- CONFIRMAR TODO REVISAR AL PUBLICAR

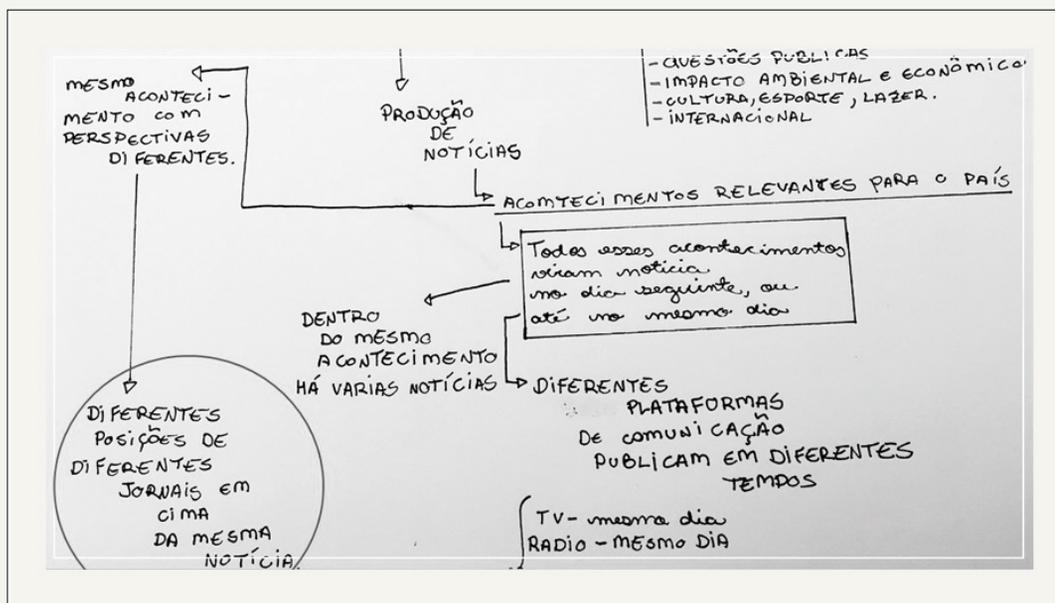
Escolher uma foto que seja relevante para um número grande de pessoas. / Verificar a fonte. / Procurar outros pontos de vista. / Escrever uma notícia sem deixar que sua própria opinião interfira no resultado. / Confirmar tudo, revisar e publicar.

O desenho seguinte demonstra um avanço muito importante, porque aponta que existe, no processo de produção de notícias, a seleção do acontecimento relevante para a sociedade, seja ele político, econômico ou ambiental. Vemos novamente a validação da notícia, assim como um conceito que não tínhamos antes, o do verídico. Já não estão falando de verdade, mas de algo verídico, que seja possível de construir e de interpretar. Os estudantes afirmam que existe a possibilidade de que a notícia seja validada e verificada, e pensam em um público específico, que não é uma audiência geral, mas um público particular ao qual se dirige a notícia.

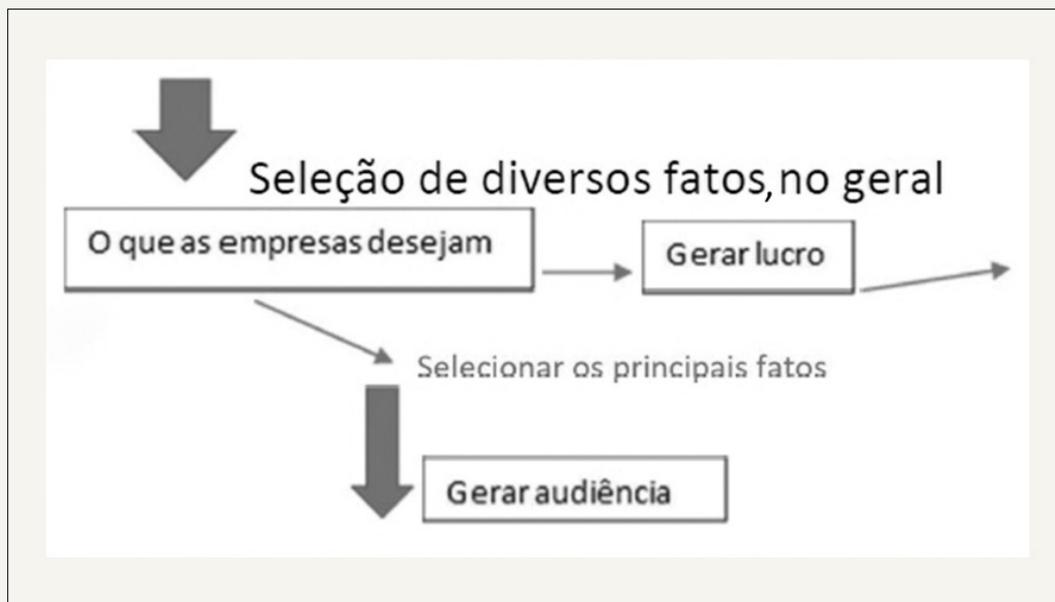


Acontecimento relevante para a sociedade, seja ele político, econômico, ambiental etc. / Validação: checagem do acontecimento, se é verídico e se é importante. / Processo de elaboração da notícia. / Transmissão a determinado público.

Gostei muito do esquema abaixo, porque afirma que todos os acontecimentos se tornam notícia no dia seguinte, ou até no mesmo dia. Mas dentro do mesmo acontecimento já existem várias notícias. Há diferentes posições de diferentes jornais para a mesma notícia. Os alunos dizem que para um mesmo acontecimento há perspectivas diferentes. Percebe-se que esta é uma mudança muito importante, se compararmos com as séries anteriores.



Este último desenho apresenta algo ainda mais novo, relacionado à seleção dos diversos fatos, feita pelas empresas. Destaca-se a relação entre o desejo de lucro e o de gerar audiência. Vão crescendo, portanto, em seu modo de conceber essas empresas.



Conclusões

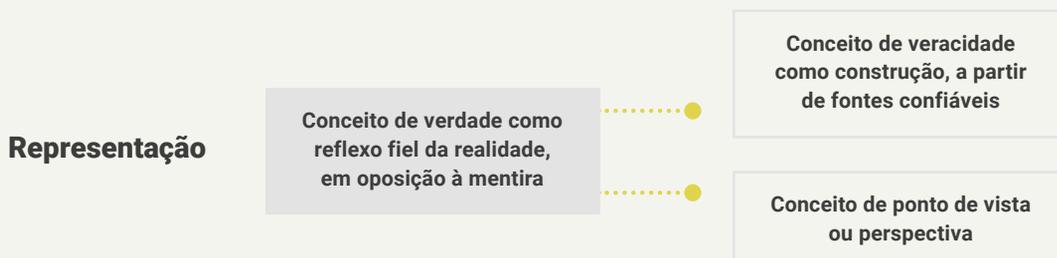
Podemos supor que há uma gênese da conceitualização das notícias midiáticas. Em relação ao entendimento de como elas são produzidas, os alunos mais novos tendem a personalizar os agentes que produzem as notícias; já os mais velhos começam a perceber que existe uma indústria com fins lucrativos.



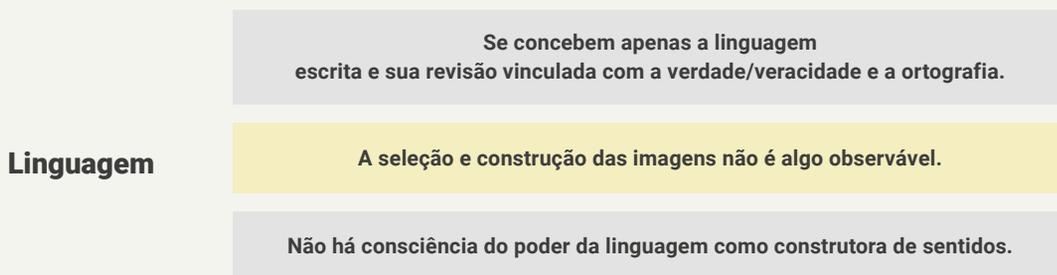
Há também um avanço em relação à audiência, de pensarem que há uma perspectiva exclusivamente informativa, que favorece a hipótese quanto à finalidade de captação da audiência. Também vimos a ideia de audiência como receptora passiva; ainda não temos aqui uma audiência produtora de sentido e com direito à participação.



Pensando na representação, percebemos que os alunos mais novos partem de um conceito de verdade, como fiel reflexo da realidade, oposta às *fake news* e à mentira, a uma ideia, mais clara para os mais velhos, de veracidade como construção a partir de fontes confiáveis. E, fundamentalmente, o conceito de ponto de vista ou perspectiva, muito complexo de se interpretar.



A respeito da linguagem — como notamos também em Buenos Aires —, só se concebem a língua escrita e sua revisão ligada à verdade/veracidade e à ortografia, mas as imagens com sua seleção e construção não são observadas. Não há consciência do poder da linguagem para a construção de sentidos. Isso não aparece em nenhum desenho ou esquema.



Esse esquema foi apresentado no ano passado, quando fui ao Vera. Ele é um exemplo muito interessante de como os estudantes, muitas vezes, concebem a produção como algo bastante pessoal. Primeiro, como uma ideia de que há a necessidade de informar, mas também um grande conflito pessoal que o jornalista tem. Vemos um anjinho e o diabo: “Eu digo a verdade? Isso ajudaria meus leitores?” ou “Minto para que me paguem?”. Há uma concepção de decisão pessoal e binária, e isso é algo muito difícil de trabalhar com os estudantes. Outro ponto que me pareceu bem interessante é o modo em que todas as audiências surgem como cabeças passivas, olhando, recebendo, mas não construindo sentido e participando. Isso também deve ser trabalhado.



Desenho coletivo do 7º ano de escola particular, em Buenos Aires.

Finalmente, podemos concluir que a conceitualização sobre as notícias midiáticas sofre mudanças progressivas ao longo da escolaridade dos alunos. Observa-se a passagem de uma perspectiva mais ingênua para uma progressivamente mais crítica. De acordo com a primeira, a notícia é concebida como reflexo fiel da realidade e é produzida por indivíduos jornalistas, que têm como propósito positivo apenas informar o público. Para a concepção crítica, a notícia é um produto de processos empresariais de seleção e edição que representam diferentes perspectivas sobre os fatos e acrescentam à mídia, além dos informativos, propósitos de captação e de manipulação do público.

dados e análises do questionário

Realização: de março a maio de 2020

Participantes: alunos do 4º ano do Ensino Fundamental (EF) à 3ª série do Ensino Médio (EM), entre 9 e 17 anos.

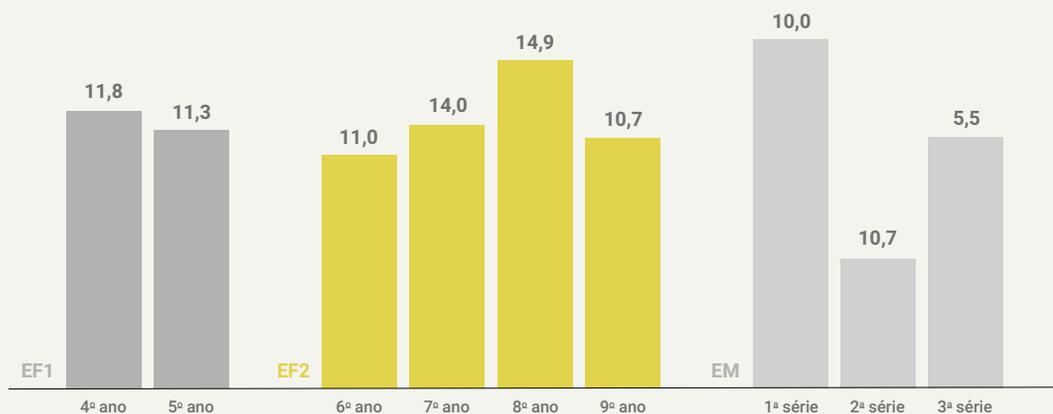
Tempo médio de resposta: 36 minutos.

Questionário enviado por email.

Oitenta e nove por cento (89%) dos alunos participaram da pesquisa, com 940 respostas, conforme a seguinte distribuição:

	Alunos	Respostas	%
EF1	263	217	83
EF2	502	476	95
EM	291	247	85
Total	1 056	940	89

De quem estamos falando (em %)



Metade dos respondentes está no EF2, sobretudo no 7º e 8º ano.

Perguntas, respostas e análises

De quais notícias você se lembra nas últimas semanas? (em %)

EF1		
4º ano	111 alunos	121 respostas
5º ano	106 alunos	121 respostas

“ Eu me lembro da do Joca, que falava sobre a ajuda que as pessoas estavam dando para quem não tinha o que comer, sendo que, na minha opinião, o governo devia fazer isso. 4º ano

	4º ano	5º ano
Citam mais de uma notícia	4,5	14,2
Coronavírus (Lockdown, exame do presidente, abertura dos serviços essenciais, número de mortes, ações de Bolsonaro minimizando a pandemia, uso obrigatório de máscaras e aplicação de multas, pesquisa para descoberta das vacinas, rodízio de veículos em dias pares e ímpares, morte do compositor Aldir Blanc, desemprego, casos de solidariedade, falta de equipamentos nos hospitais.)	54,5	69,4
O diário de Myriam (menina síria que escreve diário em meio à guerra)	11,6	4,1
POLÍTICA		
Panelaço contra Bolsonaro		1,7
Demissão do ministro da Justiça	2,5	0,8
Demissão do ministro da Saúde	2,5	0,8
Vídeo da reunião ministerial		9,9
CIÊNCIAS		
Crosta da Terra	3,3	
Descoberta de um fóssil no Oceano Índico	0,8	
Raios solares	0,8	

Lançamento do foguete espacial	0,8	
DESASTRES AMBIENTAIS		
Alagamento	0,8	
Brumadinho	0,8	
Furacão	0,8	
ENTRETENIMENTO		
Se você fosse um astro famoso, o que faria?	1,6	
Meditação		0,8
Elenco de Harry Potter	0,8	
ESPORTES		
Vitória do Paris Saint-Germain	0,8	
ECONOMIA		
Subida do dólar		0,8
OUTRAS		
50 anos do Metrô de São Paulo		0,8
Entrevista com a profa. Paula Takada no Joca		3,3
Depoimento de Leo		1,7
CITAM A FONTE	11,7	10,4
<i>Jornal Joca</i>	10	6,6
<i>O Estado de S. Paulo</i>	0,9	
<i>GloboNews</i>	0,9	1,9
<i>Veja</i>		0,9
Canal do YouTube		0,9
Nenhuma	9,9	4,9

É interessante observarmos como nossos alunos do 4º e 5º ano já estão por dentro do noticiário, com o coronavírus prevalecendo na lembrança das notícias lidas. No 4º ano, menos de 10% dos alunos disseram não se lembrarem de notícia alguma, ao passo que esse número se reduz a 4,9% no 5º ano. Além do acompanhamento das notícias sobre a pandemia, há também a presença de outros temas relacionados à política brasileira, ao meio ambiente, esporte e à literatura infantojuvenil (*O diário de Myriam e Harry Potter*).

No 5º ano, vídeos do trabalho remoto promovido pela Escola são confundidos com notícias da mídia e citados por alguns alunos (depoimento de Leo e aula de meditação proposta pelo professor Alex, de Artes). Os frutos do trabalho com notícias e a assinatura do *Jornal Joca*, já no 3º ano, estão presentes em ambos os anos. No 5º ano, o percentual daqueles que citam mais de uma notícia, 10,4%, é o dobro, se comparado com os 4º anos.

EF2		
6º ano	103 alunos	117 respostas
7º ano	115 alunos	148 respostas

“ Eu me lembro das notícias sobre o Bolsonaro demitir o ministro da Saúde, eu também me lembro das notícias sobre a economia do país e também sobre o coronavírus. 7º ano

	6º ano	7º ano
Citam mais de uma notícia	10,7	13,9
Coronavírus (Alto contágio, fechamento das escolas, quarentena, brasileiras descobriram o DNA da covid-19, paralisação de diversos campeonatos, número de mortes no Brasil e nos EUA, corrupção em tempos de pandemia, recuperação de idosos contaminados, pesquisas de vacinas, Bolsonaro e a cloroquina, despoluição das grandes cidades, dados da pandemia no Brasil e no mundo, lockdown, falta de leitos nas UTIs, uso obrigatório de máscaras, antecipação de feriados, rodízio de carros.)	82	75
POLÍTICA		
Panelaço contra Bolsonaro	6,0	
Demissão do ministro da Justiça		3,4
Demissão do ministro da Saúde	3,4	7,4
Vídeo da reunião ministerial		0,7
Filho de Bolsonaro fala mal da China	0,8	
Presidente e fake news		1,4
CIÊNCIAS		
Descoberta de fósseis	0,8	
Meio ambiente		0,7
Lançamento do foguete espacial		0,7
DESASTRES AMBIENTAIS/AÇÕES DESASTROSAS		
Alagamento	1,7	0,7

Desmatamento da Amazônia		0,7
Seca nas Cataratas do Iguaçu		0,7
ENTRETENIMENTO		
Adiamento de show	0,8	
Ratinho perdeu o seu programa	0,8	
Menina do YouTube		0,7
Cinemas drive-in		0,7
ESPORTES		
Mudanças nas regras de futebol	0,8	
Contratação de James Rodrigues		0,7
Reinício do futebol da Alemanha		0,7
ECONOMIA		
Subida do dólar		0,7
OUTRAS		
Desafio da rasteira	0,8	
Significado da Páscoa	0,8	
Segurança do portal		0,7
Felicidade interna bruta		0,7
Enem		0,7
Policial que matou um negro nos EUA		0,7
CITAM A FONTE		
Globo		1,7
Canal do YouTube		0,7
Conversa com os pais		0,8
Nenhuma	0,8	2,7

O 6º e o 7º ano, com índices de 82% e 75% de notícias sobre a pandemia, representam não só o assunto mais citado, mas também os maiores índices relativos a esse tema, em relação às outras séries. Talvez isso se explique pela imersão dos alunos de ambas as séries no projeto desenvolvido no início da pandemia, no momento que iniciamos o isolamento social e a Escola passou ao modelo remoto.

O 6º ano se envolveu no projeto “Viralizou”, em que todos foram convocados a participar da elaboração de um mural virtual sobre esse tema, compartilhando experiências e notícias sobre o assunto. Já o 7º ano esteve ocupado com um projeto que procurou relacionar o indivíduo ao coletivo: o eu e o mundo, promovendo reflexões sobre a pandemia e o impacto causado nas coletividades e nos indivíduos. Muitas notícias, reportagens e diversos artigos de opinião sobre o tema foram trabalhados, fazendo relações com todas as áreas do conhecimento. Além disso, os alunos aprimoraram a atividade de escrita permanente “Memórias do agora”, em que escreviam pequenos relatos sobre a experiência do recolhimento – mais um elemento que ajuda a explicar a imersão no tema da pandemia.

Os demais assuntos citados, com índices bem menos expressivos, se referem a fatos que também marcaram o noticiário da época (saídas de ministros, painelço contra Bolsonaro), indicando que um pequeno contingente de alunos também se deteve em outras notícias, apesar de, provavelmente, não terem sido tematizadas na Escola. É

interessante notarmos que o índice de alunos que não se lembrou de notícia alguma (0,8%) foi bem reduzido, menor do que o dos alunos do 5º ano e ainda menor do que os do 7º. Já nesta série, chamou atenção a menção às *fake news*, seguramente porque o assunto foi tematizado numa pequena sequência do citado projeto.

EF2		
8º ano	140 alunos	178 respostas
9º ano	101 alunos	157 respostas

“ Me lembro da notícia de que o ministro Teich se demitiu, de que o Covas antecipou os feriados para aumentar isolamento social e da notícia de que alguns Estados adotaram o lockdown. 8º ano

“ Das últimas semanas, me recordo de algumas notícias, como o coronavírus, o cancelamento de grandes eventos e o aumento de preço das moedas, como o dólar, o euro e a libra. 9º ano

	8º ano	9º ano
Citam mais de uma notícia	20	38,6
Coronavírus (Teste de Bolsonaro, pandemia no Brasil e no mundo, violações na quarentena, número de infectados, pesquisas de vacinas, mortes de profissionais da saúde, lockdown, antecipação de feriados, falas do presidente, falta de equipamentos nos hospitais, polêmica em torno da cloroquina, ausência de respiradores, abertura de novos leitos de UTI, paralisação dos jogos, formas de prevenção, lançamento de filmes adiados, cancelamento das corridas de Fórmula 1, cancelamento de voos, violência contra a mulher.)	69,1	61,1
POLÍTICA		
Política		5,7
Panelaço contra Bolsonaro	2,2	
Demissão do ministro da Saúde	6,2	0,6
Moro expõe conversa com Bolsonaro	1,1	
Reunião ministerial	0,6	
Trump impede brasileiros de entrarem nos EUA	1,1	
Dois anos da morte de Marielle	0,6	
Bolsonaro quer interferir na Polícia Federal	0,6	

Chilique de Regina Duarte	0,6	
Protestos nos EUA	0,6	
Manifestações em prol e contra o governo		1,3
Corrupção na Venezuela	0,6	
MEIO AMBIENTE/DESASTRES AMBIENTAIS/AÇÕES DESASTROSAS		
Enchente em Minas Gerais		0,6
Problemas ambientais		0,6
Barco de minério da Vale encalha no oceano	0,6	
Alagamento em Santos		1,9
Incêndio na Austrália		0,6
ESPORTES		
Futebol com portões fechados	3,4	
Dívida do Corinthians	0,6	
Prisão de Ronaldinho		4,5
Morte de Kobe Bryant		3,2
ECONOMIA		
Queda da bolsa de valores	3,9	5,0
Aumento do dólar	1,1	
Problemas econômicos		1,3
SOCIEDADE		
Clonagem de carne	0,6	
Saneamento básico	0,6	
Refugiados que fogem para a Grécia	0,6	
Greve de policiais no Ceará		0,6
Fake news		0,6

Intervenção policial na favela da Maré	1,9	
Diferença salarial entre negros e brancos	0,6	
OUTRAS		
Canal Bel para meninas	1,7	
Príncipes saíram da Coroa	0,6	
Visita de Dráuzio Varella à penitenciária	0,6	
Citam a fonte	0	0
Nenhuma	3,9	0,6

No 8º e 9º ano, o assunto mais citado também é a pandemia, embora no 9º o índice tenha sido o menor do segmento (61,1%). Também podemos perceber a ação dos Projetos de Série incidindo na lembrança das temáticas trabalhadas, embora o tema “Tempo”, do 8º, tenha proposto outras reflexões e aberto novas linhas de pensamento.

No 8º ano, percebe-se mais variedade de assuntos, ainda que com índices baixos, referentes à política e à sociedade, se compararmos com os dados das séries anteriores. A maior parte dos alunos respondeu ao questionário logo no início da pandemia, antes de experimentar o projeto de leitura e escrita “Notícias e reportagens”, proposto pela área de LP a partir do mês de maio – o que, de certa forma, ajuda a explicar os índices baixos nesse aspecto. Chama atenção o alto índice de alunos que não se lembram de notícia alguma; número bem superior ao do 9º e ao do 6º ano.

Já no 9º ano, um dado também se revela no índice de alunos que deram mais de uma resposta: maior no segmento e menor em relação ao Ensino Médio. Talvez isso se explique pelos conteúdos do Projeto de Série – “Trabalho e cidadania” – por todos os professores, com atividades de leitura e escrita sobre a relação entre esses temas e a pandemia. O fato de serem alunos mais velhos, com um repertório mais amplo, com gêneros do campo jornalístico-midiático, também contribui para esse resultado.

EM		
1ª série	94 alunos	211 respostas
2ª série	101 alunos	182 respostas
3ª série	52 alunos	96 respostas

“Hoje cedo vi a entrevista da Damares na CNN; diariamente vejo notícias gerais sobre o coronavírus; vi uma notícia sobre uma dívida do Santos FC; vi notícias sobre tirar o título eleitoral online; notícias sobre o rodízio de carro em São Paulo e outras. 1ª série

“Me lembro das notícias sobre a pressão que os alunos estão fazendo sobre a data do Enem, e sobre as atitudes do presidente Bolsonaro. 3ª série

	1ª série	2ª série	3ª série
Citam mais de uma notícia	76,6	49,5	61
Coronavírus (Diminuição da poluição, crescimento do coronavírus na Itália, aumento da violência doméstica, desrespeito à quarentena, taxa de desemprego, adiamento das Olimpíadas, morte de indígenas, número de mortos, medidas de isolamento, atos de Bolsonaro, pesquisas de vacinas, animais na rua, rodízio de carros, falta de respiradores, Bolsonaro desrespeita orientações da OMS, lockdown, frigoríficos para guardar corpos, doações de grandes empresas, hospitais de campanha, auxílio emergencial para trabalhadores informais, Bolsonaro minimiza mortes, idosos recuperados.)	32,7	48,4	39,6
POLÍTICA			
Demissão de Moro	32,7	17,6	9,4
Demissão de Mandetta	13,3	4,9	
Pronunciamento de Bolsonaro	6,6	0,6	
Problemas de saúde do ditador da Coreia do Norte	5,2		1,0
Pedidos de impeachment contra Bolsonaro	3,3		
Investigação contra o filho de Bolsonaro	0,9		1,0
Protestos a favor da intervenção militar no Brasil	0,5		
Problemas do governo Bolsonaro		13,7	

Entrevista com Regina Duarte	3,3	1,0	
AGU pede entrega de vídeo da reunião ministerial	1,1		
Bolsonaro quer interferir na Polícia Federal		8,3	
Bolsonaro apoia manifestações contra a democracia		7,3	
Bolsonaro quer fazer churrasco		3,1	
Gastos do cartão do presidente		3,1	
MP do contrato Verde Amarelo perdeu a validade no Senado		2,1	
MEIO AMBIENTE/DESASTRES AMBIENTAIS/AÇÕES DESASTROSAS			
Abelha mortal nos EUA	1,6		
ESPORTES			
Futebol	0,5	2,7	2,1
ECONOMIA			
Aumento do dólar	2,4	0,5	
Queda da bolsa	1,4		
Preço do petróleo negativo/queda histórica	0,5	0,5	2,1
Queda dos juros no Brasil		0,5	
ENTRETENIMENTO			
Live de Alok		0,5	
Lançamento de Valorant		0,5	
Álbum novo de Bob Dylan		0,5	
OUTRAS			
Enem		1,6	
Pentágono liberou vídeos de óvnis		0,5	
Citam a fonte	2,1	1,0	0
Nenhuma	0	1,6	2,1

Os dados da 1ª série são animadores. Em primeiro lugar, os números sobre o contato com notícias referentes ao coronavírus parecem mostrar que, apesar de o assunto estar “na boca do povo”, foi efetivamente por meio de veículos de mídia que os estudantes obtiveram boa parte de suas informações. Índícios que apontam para essa hipótese encontram-se nos subtemas listados dentro do tema “guarda-chuva” da pandemia, os quais tendem a demandar contato real com a mídia por parte dos estudantes. Isso se dá porque, grosso modo, se alimentam de dados estatísticos, que dificilmente seriam conseguidos a partir de fontes mais “informais” de notícias. A presença de dois acontecimentos políticos dentre os mais citados (demissão de Moro – 32,7%; e demissão de Mandetta – 13,3%) nos parecem auspiciosos também por indicarem que, munidos de informação sobre a vida política, os alunos e alunas podem tornar-se mais rapidamente capazes e/ou instrumentalizados a olharem para questões diversas – do campo das artes, da economia ou mesmo da saúde – a partir de uma mirada política (possivelmente mais crítica, portanto, do que se não houvesse interesse por assuntos relacionados ao mundo político). Por fim, dados interessantes são o alto índice de ocorrência de mais de uma resposta (76,6%), com significativa diferença para as outras séries do EM, e a citação espontânea de veículos de mídia de qualidade, mas que não figuram dentre os mais acessados. Pode-se supor que o trabalho específico do curso “Mídia e Informação” tenha auxiliado na obtenção desses números; porém,

características, tais como o espírito investigativo e a presença de ferramentas de pesquisa e produção de texto, já consolidados na turma, sem dúvida, devem ter influenciado bastante o resultado.

Na 2ª série, é curioso observarmos que não há muita diferença em relação aos assuntos listados na 1ª série; há, porém, discrepância considerável nos números, com os índices da 2ª série – tais como apenas 1,0% citando uma fonte espontaneamente e apenas 49,5% dando mais de uma resposta – notadamente mais baixos que a média. Há, também, presença um pouco mais expressiva de assuntos diversos (*live* de Alok, Pentágono liberando vídeos de óvnis, álbum novo de Bob Dylan etc.), o que nos leva à hipótese de que a não ocorrência de um trabalho específico sobre mídia e informação, tal como o que foi feito em outras séries, talvez tenha influenciado os resultados (isso, evidentemente, considerando também as características da turma, bastante competente, mas talvez menos “curiosa” em relação ao universo midiático, se comparada com a 1ª série).

Já na 3ª série, o número bem menor de respostas – e, é claro, de alunos – parece ter prejudicado um pouco a diversidade dos dados. Ficam nítidos os índices de assuntos especificamente políticos ainda menores do que na 2ª série. Tomando como exemplos os tópicos “demissão de Moro” e “demissão de Mandetta”: tivemos, na 1ª série, 32,3 e 13,7% de resposta para cada um, respectivamente; na 2ª série, 17,6 e 4,9%; e na 3ª série, 13,5 e 9,4%.

É digno de nota o aparecimento de um assunto específico da idade e do momento final da Educação Básica: a data do Enem (4,2%); entretanto, o número de alunos, assim como a especificidade do momento escolar (com todas as preocupações e interesses dele decorrentes) dificulta a criação de hipóteses interpretativas para tais resultados. O destaque negativo é, por outro lado, relativo também a esse momento específico da escolaridade: a proximidade do término do Ensino Médio e a aproximação de exames para entrada na universidade (Enem, Fuvest e outros vestibulares) talvez facilitassem o aparecimento não apenas de uma diversidade de assuntos mais expressiva dentre as respostas dos alunos, como também mais interesse na busca pela informação em veículos midiáticos. Isso, porém, parece não ter ocorrido.

■ Síntese de Flora Perelman

Número de notícias

A citação de mais de uma notícia aumenta com a idade. No EM, há variações: 1ª série, 76,6%; 2ª, 49,5%; e 3ª, 61%.

Não citar notícias diminui com a idade.

Lembrança das notícias

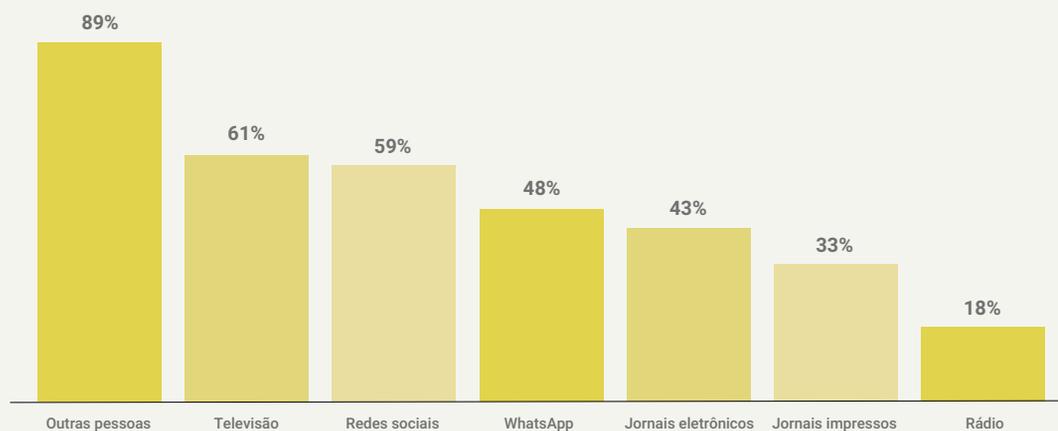
Coronavírus: grande porcentagem em todas as idades.

Política: citada em 2º lugar, a partir do 6º ano. No EF, nota-se pouca frequência, mas no EM ela aumenta e se diversifica.

	Citam mais de uma notícia (%)	Não se lembram de notícia alguma (%)	Citam notícia sobre a pandemia (%)	Citam fonte espontaneamente
4º ano	4,5	9,9	54,5	11,7% dos alunos citam espontaneamente a fonte das notícias: <i>Jornal Joca</i> (10%), <i>O Estado de S. Paulo</i> (0,9%), <i>GloboNews</i> (0,9%)
5º ano	14,2	4,9	69,4	10,4% dos alunos citam espontaneamente a fonte das notícias: <i>Jornal Joca</i> (6,6%), <i>Globo</i> (1,9%), canal do YouTube (0,9%), <i>Veja</i> (0,9%)
6º ano	10,7	0,8	82	
7º ano	13,9	2,7	75	2,6% dos alunos citaram espontaneamente as fontes (<i>Globo</i> : 1,7% e conversa com os pais: 0,8%)
8º ano	20,0	3,9	69,1	
9º ano	38,6	0,6	61,1	
1ª série	76,6	0	32,7	2,1% citam a fonte espontaneamente – <i>Revista Nexa</i> : 1,0% e <i>Vogue</i> : 1,0%
2ª série	49,5	1,6	48,4	Apenas 1,0% cita a fonte espontaneamente (<i>CNN</i>).
3ª série	61,0	2,1	39,6	

Como você fica a par das notícias? (em %)

Os alunos usam, em média, 3,6 meios para se informarem.



Base total da amostra: 940 entrevistas.

Meio de obtenção de notícias

(recorte por ciclo educacional – % do total de alunos do ciclo)

	EF1	EF2	EM
Por outras pessoas	81	93	89
Conversa com família	78	90	94
Conversa na Escola	58	79	82
Conversa com amigos	46	75	87
Televisão	55	63	62
Redes sociais	30	64	77
Aplicativo de mensagens	31	57	46
Jornal eletrônico	42	35	58
Jornal impresso	48	31	22
Rádio	18	22	12

- As outras pessoas como fontes principais de transmissão das notícias em todas as idades (81%, 93% e 89%).
- A TV é a mídia consultada com alta frequência em todas as idades (55%, 63% e 62%).
- Os jornais eletrônicos e impressos têm uma frequência importante no EF1 (42% e 48%), índice que se reduz no EF2 (35% e 32%) e aumenta no EM (58% e 22%).
- As redes sociais crescem nas consultas à medida que avançam em idade e escolaridade (EF1: 30%, EF2: 64% e EM: 77%).
- O rádio é a mídia menos usada em todas as idades (EF1: 18%, EF2: 22% e EM: 12%).

Que notícias mais lhe interessam? Por quê? (em %)

EF1		
4º ano	111 alunos	111 respostas
5º ano	106 alunos	117 respostas

Que notícias mais lhe interessam?	4º ano	5º ano
Coronavírus	38,8	49,3
Ciências	8,1	
Política	5,4	13,7
Vacinas	5,4	
Planeta	5,4	
Isolamento social	5,4	
Ciências e tecnologia		7,7
Esporte		6,0
Todas	4,5	2,6
Doenças	3,6	
Futebol	3,6	
Animais	3,6	3,4
Notícias malucas		3,4
Notícias boas	2,7	2,6
Natureza		2,6
Videogames		1,7
Notícias do mundo		1,7
Não sei		1,7

O diário de Myriam	0,9	
Poluição	0,9	0,8
Redes sociais		0,8
Nenhuma	10,0	3,4

Por quê?	4º ano	5º ano
	35	29
Para saber o que está acontecendo	36,3	
Para ter informações/Para me informar	15,4	51,6
Porque estamos vivendo	15,4	
Para entender		16,1
Porque é interessante	10,2	
Para ficar feliz	10,2	
Para conversar		12,9
Porque acho interessante		9,7
Para debater com meus amigos	5,1	
Porque tenho curiosidade/Por curiosidade	2,5	6,4
Porque acho absurdo	2,5	
Porque fico triste	2,5	
Porque quanto mais sei, mais quero saber		3,2

Com índices bem semelhantes, no 4º ano, assim como no 5º, observa-se que as res-

postas mencionam as notícias sobre o coronavírus como as que mais interessam aos alunos. No 4º ano, outros temas mencionados, como doenças, vacinas e isolamento social, também estão relacionados com o coronavírus. Ao somarmos todos esses percentuais, verificamos que mais de 50% das respostas manifestam interesse pelo assunto que mobilizava a todos quando a pesquisa foi realizada: a pandemia. No 5º ano, no entanto, há uma peculiaridade nos outros temas de interesse: os itens política, ciência e tecnologia, esportes, notícias do mundo e notícias malucas são seções do *Jornal Joca*. Esse dado pode indicar que, ao serem questionados sobre as notícias que mais lhes interessam, esses alunos já são capazes de pensar de forma mais ampla e indicar seus temas de interesse, os quais são organizados dentro do jornal, nas seções mencionadas acima.

Os alunos do 4º ano justificam esse interesse com “saber o que está acontecendo” e “obter informações” – as maiores porcentagens. Aparece também como razão de interesse o debate com os amigos. Para o 5º ano, não é muito diferente: “manter-se informado” e “debater com os amigos” totalizam mais de 60% das respostas. Essas justificativas podem indicar a aproximação dos alunos com as práticas sociais que envolvem a leitura de textos jornalísticos, práticas essas que embasam o trabalho com os gêneros da esfera jornalística na Escola.

6º ano **103** alunos **120** respostas

7º ano **115** alunos **141** respostas

Que notícias mais lhe interessam?	6º ano	7º ano
Coronavírus	44,2	35,5
Esporte	15,0	17,0
Notícias do mundo	12,5	3,5
Política	10,0	6,5
Ciências e tecnologia	2,5	5,7
Notícias de famosos		5,7
Todas	2,5	
Natureza	2,5	
Shows	2,5	
Notícias boas	2,5	
Notícias malucas	1,7	
Feminismo	1,7	
Violência	1,7	0,7
Queimadas na Amazônia	1,7	3,5
Filmes e séries		3,5
Não sei		3,5
Aquecimento global	0,8	
Cidade	0,8	
Animais	0,8	
Videogames	0,8	3,5

Cachorros		1,4
Economia		1,4
Cultura e educação		1,4
Comunidade LGBTQ+		0,7
Redes sociais		0,7
Poluição dos oceanos		0,7
Carros		0,7
Nenhuma	1,7	2,8

Por quê?	6º ano	7º ano
	33	50,4
Para me informar	47,0	27,6
Para conversar com meus pais e amigos		17,2
Porque impactam na minha vida		15,5
Porque é interessante	20,6	13,8
Para conversar	14,7	
Para me alegrar e ter esperança	8,8	
Porque me preocupo	2,9	
Para passar o tempo	2,9	
Não tenho paciência	2,9	
Por curiosidade		6,9
Porque eu sei que é confiável		1,7

No 6º e 7º ano, os dados mostram que as notícias sobre a pandemia representavam, no momento da pesquisa, a principal fonte de interesse da série. Talvez isso também se explique pela imersão dos alunos no projeto escolar elaborado no início da pandemia, que provavelmente intensificou ainda mais esse interesse. Esportes (sobretudo no 7º ano), notícias do mundo e política também se revelaram assuntos de interesse, o que indica o começo de uma preocupação com questões da sociedade. No entanto, alguns temas próprios de alunos mais jovens, como os do 6º ano, aparecem aqui com exclusividade nesse segmento: notícias malucas, animais e cidades. O 6º ano foi a única série que não fez referência à economia como tema de interesse, talvez por se tratar de uma temática para a qual se deve ter mais conhecimento. No 7º ano, já se pode notar um começo de interesse por questões relativas à economia, e um dado que se sobressai seria o interesse por notícias referentes à ciências e tecnologia, o maior índice do segmento.

Em relação às explicações, os dados indicam que a maior parte dos alunos do 6º e do 7º ano reconhece na leitura de notícias a possibilidade de se informar e o entendimento de que as notícias podem ser interessantes, além de oferecerem matéria para que se possa conversar com as pessoas. Isso mostra que há uma percepção do campo de atuação em que circulam esses textos e das práticas de leitura e de oralidade que estão envolvidas nele. Um certo otimismo em relação à leitura de notícias também transparece nos dados específicos do 6º ano:

ler para se alegrar e ter esperança e notícias boas. Um dado que sobressai, no 7^o ano, é a percepção de que as notícias podem impactar suas vidas — o que mostra um entendimento do campo de atuação em que circulam esses textos e das práticas de leitura e de oralidade que estão envolvidas nele.

EF2		
8º ano	140 alunos	172 respostas
9º ano	101 alunos	127 respostas

- “ *As notícias sobre bolsa de valores, dólar, finanças etc. Trata-se de um assunto que acho interessante.* 8º ano
- “ *As notícias que mais interessam são sobre tecnologia, ciência, esportes e e-sports (competições de jogos eletrônicos).* 9º ano
- “ *As notícias mais sérias ou globais, porque eu gosto de estar informada sobre o que acontece fora do Brasil e o que está acontecendo fora da minha bolha social.* 9º ano

Que notícias mais lhe interessam?	8º ano	9º ano
Coronavírus	29,1	22,0
Esporte	13,9	19,7
Política	7,6	21,2
Notícias de famosos	5,8	
Economia	4,6	6,3
Notícias do mundo	4,6	12,6
Ciências e tecnologia	4,0	4,8
Videogames	3,5	5,5
Notícias boas	3,5	
Cultura e educação	2,9	0,8
Natureza	2,9	
Atualidades	3,5	

Não sei	2,9	1,6
Todas	1,7	0,8
Notícias polêmicas	1,7	1,6
Violência	1,7	0,8
Comunidade LGBTQ+, machismo	1,2	
Redes sociais	0,6	
Comunidade LGBTQ+, machismo, feminismo		4,3
Meio ambiente		3,9
Filmes		3,9
Desigualdade social		2,7
Saúde		2,7
Direitos humanos		0,8
Racismo		0,8
Nenhuma	2,3	

Por quê?	8º ano	9º ano
	29,3	58,4
Para me informar	48,8	32,2
Porque é interessante	36,6	44,1
Porque é importante		10,2
Para conversar com meus pais e amigos	7,3	8,5
Por curiosidade	4,9	
Porque eu sei que é confiável	2,4	
Para ter uma posição e ajudar a reverter a situação		5,1

No 8º ano, o índice de interesse em notícias sobre a pandemia, mesmo sendo inferior ao do 7º e ao do 6º ano, também representa o assunto mais citado; no entanto, diferentemente das séries anteriores, aparece com ênfase uma maior variedade de assuntos, mesmo que com índices baixos. Já as respostas do 9º ano evidenciam que o assunto pelo qual os alunos mais se interessam é a pandemia — no entanto, esse é o menor índice do segmento, equiparando-se aos números do Ensino Médio. Esportes, política, nos dois anos, e, ainda, economia no 8º se colocam lado a lado com notícias de famosos ou notícias polêmicas, revelando, dessa forma, um grupo de alunos que manifesta uma diversidade expressiva de interesses entre si. Os alunos do 9º ano foram os únicos que citaram desigualdade social, saúde, direitos humanos e racismo como temas relevantes, o que talvez nos faça supor que tais assuntos sejam menos complexos e mais atraentes para essa faixa etária e que, além disso, eles tenham mais repertório sobre essas questões.

Em relação às explicações, os dados do 8º ano indicam que a maioria dos alunos, representando o maior índice do segmento, reconhece na leitura de notícias a possibilidade de se informar e o entendimento de que notícias interessantes podem promover conversas entre as pessoas. Além disso, parte dos alunos fala da curiosidade como um caminho para manter o interesse na leitura de notícias, o que pode ser compreendido como uma aproximação do campo jornalístico pelo viés do entretenimento. No 9º ano, os dados se di-

ferenciam um pouco dos demais do segmento. O reconhecimento da importância de se interessarem por notícias se mostrou maior do que o entendimento da necessidade de se informarem por meio delas. Por outro lado, parte dos alunos assinalou a relevância de se manter informado e a possibilidade de poder, por meio dessas leituras, construir posicionamentos e ações, indicando, dessa forma, uma relação entre o campo jornalístico e o da atuação na vida pública – o que não foi percebido nas séries anteriores.

EM		
1ª série	94 alunos	163 respostas
2ª série	101 alunos	136 respostas
3ª série	52 alunos	78 respostas

“Arte, meio ambiente, saúde, economia e política. Acredito que são os pilares de uma sociedade e gosto muito de ler sobre esses temas. 1ª série

“Notícias políticas em geral e olhares mais científicos sobre a situação do coronavírus. 1ª série

“Agora me interesso mais sobre notícias do meio artístico, já que notícias políticas ou sobre a covid-19 estão me afetando muito negativamente. 2ª série

“Eu não estou lendo notícias ultimamente, pois com a pandemia eu tô querendo dar uma acalmada para não surtar junto com a mídia, por isso, muitas vezes eu prefiro ler alguma coisa mais positiva, para dar um contraste ou conforto. 2ª série

Que notícias mais lhe interessam?	1ª série	2ª série	3ª série
Política	28,2	34,5	32,0
Coronavírus	20,2	19,1	16,7
Economia	8,6	6,6	9,0
Meio ambiente	7,9	2,9	3,8
Esporte	7,4	7,3	7,7
Notícias do mundo	4,9	6,6	10,2
Saúde	3,7	1,5	
Ciências e tecnologia	3,6	1,5	7,7
Filmes	3,0	3,7	

Videogames	3,0	1,5	1,5
Músicas	2,4		
Cultura e educação	1,8		
Violência	1,2		2,6
Notícias polêmicas	1,2	2,2	
Desigualdade social	0,6	2,2	1,5
Aviação	0,6		
Literatura		2,2	
Não sei		2,2	3,8
Notícias boas		2,2	
Direitos humanos		0,7	1,5
LGBTQ+		0,7	
Projetos sociais		0,7	
Óvnis		0,7	
História			1,5
Notícias de famosos			1,5

Por quê?	1ª série	2ª série	3ª série
	60,6	35,6	44,2
Porque me interessa	43,8	38,9	52,2
Porque é importante	40,3	36,1	21,7
Porque me fazem rir (sobre política no Brasil)		8,3	
Para conversar com meus pais e amigos/ Para poder conversar com amigos e pais	12,3	5,5	13,0
Para ter uma posição e ajudar a reverter a situação	3,5	5,5	
Porque pretendo trabalhar na área		5,5	
Para minha formação pessoal e política			13,0

Que meios de informação você recomendaria? Por quê? (em %)

EF1		
4º ano	111 alunos	101 respostas
5º ano	106 alunos	114 respostas

Que meios de informação você recomendaria?	4º ano	5º ano
<i>Jornal Joca</i>	22,8	16,7
Jornal	14,9	14,0
TV	12,9	17,5
<i>GloboNews</i>	7,9	4,4
<i>Jornal Nacional</i>	5,9	4,4
<i>Folha de S.Paulo</i>	5,9	6,1
Facebook	4,9	0,9
Jornal eletrônico	4,9	1,7
<i>Globo</i>	4,9	7,0
Instagram	3,9	2,6
<i>Fantástico</i>	2,9	
<i>CNN</i>	1,9	2,6
Não sei	1,9	
<i>O Estado de S. Paulo</i>	0,9	1,7
<i>UOL</i>	0,9	3,5
<i>YouTube</i>	0,9	2,6
<i>BandNews</i>		2,6
Twitter		2,6

Todos	0,9
<i>Globoplay</i>	0,9
TikTok	0,9
Podcast da revista <i>Piauí</i>	0,9
Rádio	0,9
<i>Cidade Alerta</i>	0,9
<i>The Intercept</i>	0,9
ESPN	0,9
Nenhum	0,9 1,7

Por quê?	4º ano	5º ano
	27,9	49,0
Atualização (<i>Folha de S.Paulo, GloboNews, Facebook, jornais eletrônicos, TV</i>)	38,7	
Notícias interessantes (<i>Joca, TV, Fantástico, Folha de S.Paulo</i>)	22,6	
Confiabilidade (jornais, <i>Joca</i>)/ Confiabilidade (jornais, <i>Joca, TV, jornais eletrônicos, UOL, podcast da revista Piauí</i>)	19,3	55,8
Para crianças (<i>Joca</i>)	12,9	13,5
Muitas informações (<i>TV</i>)/ Muitas informações (<i>Globo</i>)	3,2	23,0
São contra o Bolsonaro (<i>Folha de S.Paulo</i>)		3,8
Notícias resumidas (<i>Twitter</i>)		1,9
Vídeos, fotos e falas (jornais eletrônicos)	3,2	1,9

Os alunos do 4º e 5º ano responderam a essa pergunta de forma semelhante. O jornal impresso, mais especificamente o *Joca*, aparece como a principal referência, seguido pela TV, que representa menos da metade do percentual do jornal impresso. As redes sociais já aparecem, mas ainda em números bem inferiores.

Quando precisam justificar essa indicação, os alunos mencionam atualização e qualificam as notícias como interessantes. Aqui, continuam aparecendo o jornal impresso, programas televisivos e jornais digitais. A expressiva menção feita ao nome de outros jornais, diferentes do *Joca* e de programas televisivos, pode revelar os hábitos e as preferências das famílias desses alunos. No 5º ano, aparecem também os jornais digitais e podcasts.

EF2		
6º ano	103 alunos	110 respostas
7º ano	115 alunos	153 respostas

“ Eu recomendaria os jornais eletrônicos, porque você pode vê-los a qualquer hora e em qualquer lugar, além de ajudar o meio ambiente sem gastar folhas de papel. 6º ano

“ Eu recomendaria o Jornal Nacional, porque confio nas informações que ele publica. 7º ano

Que meios de informação você recomendaria?	6º ano	7º ano
TV	26,0	27,4
Jornal	16,4	12,4
Globo	10,0	6,5
Jornal Nacional	8,2	5,2
Jornal eletrônico	7,2	8,5
Rádio	3,7	5,9
Jornal Joca	3,6	1,9
Folha de S.Paulo	3,6	5,9
Redes sociais	3,6	8,5
GloboNews	2,7	1,9
CBN	2,7	
UOL	2,7	0,6
Não sei	1,8	
O Estado de S. Paulo	1,8	7,8

Instagram		1,3
Twitter		1,3
BandNews	1,0	1,0
Todos	1,0	
WhatsApp	1,0	
Cultura	1,0	
ESPN	1,0	
SporTV	1,0	
El País		0,6
Internet		0,6
Nenhum		1,9

Por quê?	6º ano	7º ano
	51,4	65,2
Confiabilidade (Globo)/ Confiabilidade (TV, jornais, <i>Jornal Nacional</i>, <i>Folha de S. Paulo</i>, <i>O Estado de S. Paulo</i>, jornais eletrônicos, rádio)	43,4	70,7
Atualização (jornais eletrônicos, redes sociais, TV, <i>Jornal Nacional</i>)/ Atualização (Globo, <i>GloboNews</i>)	35,8	9,3
Muitas informações (Globo)/ Muitas informações (TV, <i>GloboNews</i>, <i>Joca</i>)	9,4	16,0
Praticidade (rádio, WhatsApp, jornal eletrônico)	7,6	
Para crianças e jovens (Joca)	3,8	
É mais engraçado do que dramático (Twitter)		1,3
Você pode compartilhar (redes sociais)		1,3

Os meios mais citados no 6º e no 7º ano foram a TV e o jornal, assim como em todas as outras séries do segmento. A referência à grande mídia impera, sobretudo a televisionada para o 6º, mas também os meios eletrônicos no 7º, considerados fontes confiáveis por boa parte dos alunos. O critério da atualização também foi relacionado aos principais veículos de mídia; no 7º ano, as redes sociais começam a ser mais citadas. Talvez tenhamos aqui uma influência maior das famílias e de hábitos consolidados em relação a certos veículos. É interessante notarmos que o *Joca* ainda aparece como referência para o 6º ano, mostrando que o trabalho desenvolvido no segmento anterior foi significativo. No 7º, as redes sociais são citadas por mais alunos como meios recomendáveis, e a possibilidade de se compartilhar notícias por meio delas aparece como um dado novo em relação às outras séries.

EF2		
8º ano	140 alunos	169 respostas
9º ano	101 alunos	139 respostas

- “ O Joca, pois é mais voltado para a nossa idade e geralmente tem notícias interessantes. 8º ano
- “ Redes sociais, pois passo boa parte do meu dia no celular e, principalmente, no computador, então acho que seria mais fácil ter acesso a essas notícias por esses meios. 8º ano
- “ Eu recomendaria as redes sociais, pois estamos sempre com o celular na mão e recebemos notificações de notícias. 9º ano
- “ Eu recomendaria os telejornais, pois acho bom que você consegue ver os entrevistados e os repórteres. 9º ano

Que meios de informação você recomendaria?	8º ano	9º ano
TV	24,8	20,1
Jornal	16,6	19,4
Redes sociais	14,2	16,5
<i>Jornal Nacional</i>	11,8	2,9
Rádio	5,3	5,0
Jornal eletrônico	4,1	5,7
<i>Globo</i>		5,0
Twitter		5,0
<i>GloboNews</i>	3,5	2,9
G1	3,5	
<i>BandNews</i>	2,4	2,2

Folha de S. Paulo	2,4	2,9
O Estado de S. Paulo	2,4	1,4
Instagram	2,4	5,0
UOL	1,8	2,2
Canal do Felipe Neto	0,6	
Fantástico	0,6	
Joca	0,6	
Áudios do Spotify		1,4
Não sei		0,7
YouTube		0,7
Nenhuma	2,9	

Por quê?	8º ano	9º ano
	62,1	61,4
Confiabilidade (TV, jornais, G1, UOL, <i>Jornal Nacional</i> , jornais eletrônicos, rádio)/ Confiabilidade (TV, jornais, <i>GloboNews</i> , <i>Folha de S. Paulo</i> , jornais eletrônicos)	40,2	53,2
Atualização (redes sociais, TV, <i>Jornal Nacional</i> , UOL)/ Atualização (Twitter, redes sociais, rádio, <i>GloboNews</i>)	21,8	8,0
Notícias claras e diretas (TV, <i>Jornal Nacional</i> , redes sociais)/ Notícias claras e diretas (Instagram, YouTube, TV)	19,5	12,9
Profundidade (jornais)/ Profundidade (jornais, TV, rádio)	6,9	6,4
Praticidade (redes sociais, Instagram)	6,9	16,1
Você pode opinar (redes sociais)	3,4	
Para jovens (<i>Joca</i>)	1,1	
Mais divertido (áudios do Spotify)		3,2

No 8º e no 9º ano, a TV e o jornal, assim como em todas as outras séries do segmento, são os meios mais citados. A referência à grande mídia impera, tanto na TV quanto no meio eletrônico e radiofônico, que são consideradas fontes confiáveis por boa parte dos alunos. No 9º, porém, a TV representa o menor índice do segmento e o meio eletrônico e radiofônico, o maior. A referência à grande mídia se mostra menor do que nas séries anteriores, dando mais espaço às redes sociais e meios eletrônicos, que são consideradas fontes confiáveis por boa parte dos alunos. Talvez ainda tenhamos aqui uma influência mais significativa das famílias e de hábitos consolidados em relação a certos veículos. As redes sociais são citadas por mais alunos como meios recomendáveis, e tanto a praticidade quanto a possibilidade de se poder opinar sobre as notícias por meio dessas redes aparece no 8º ano como um dado novo em relação às outras séries, e se consolida no 9º.

EM		
1ª série	94 alunos	134 respostas
2ª série	101 alunos	133 respostas
3ª série	52 alunos	60 respostas

“ Eu não acredito que seja bom confiar em apenas um meio. Porém, é possível dizer que, na maioria dos casos, os mais confiáveis são os “.org”, como é o caso da OMS, se você estiver à procura de notícias sobre o novo coronavírus. 1ª série

“ Outra coisa legal dos jornais escritos é que dá pra ler várias colunas e ler muitas opiniões, e assim ponderar os argumentos e ver o que bate mais com os seus valores. 1ª série

“ Eu, particularmente, gosto da inconveniência do jornal impresso, por ser um ritual meu de ler o jornal de manhã. Além do mais, ler coisas físicas para mim é sempre preferível. 2ª série

Que meios de informação você recomendaria?	1ª série	2ª série	3ª série
TV	22,4	18,8	13,3
Jornal	14,2	18,0	18,3
Jornal eletrônico	12,7	6,7	6,7
Globo	7,5	5,2	3,3
El País	5,2	1,5	1,7
Redes sociais	4,5	4,5	3,3
Twitter	3,7	4,5	1,7
G1	3,7	3,8	8,3
Rádio	3,7	3,8	1,7

CNN	3,7	3,8	6,7
Folha de S.Paulo	3,7	3,0	5,0
GloboNews	3,0	8,3	1,7
O Estado de S. Paulo	2,2	4,5	3,3
Todos	2,2		
Não sei		3,8	1,7
Instagram		2,3	3,3
BandNews		2,3	
UOL	1,5	1,5	6,7
.org	0,7		
Veja	0,7	1,5	
Nexo	0,7		
Facebook	0,7		
YouTube	0,7		3,3
BBC		0,7	
Site do Terra		0,7	
Podcasts		0,7	
Jornal Nacional			8,3
Mídia Ninja			1,7

Por quê?	1ª série	2ª série	3ª série
	45,7	40,6	42,3
Confiabilidade (TV, jornais, <i>El País</i> , <i>Globo</i> , .org, jornais eletrônicos, rádio, Twitter, <i>UOL</i>)/			
Confiabilidade (TV, jornais, <i>O Estado de S. Paulo</i> , <i>Globo</i> , <i>Veja</i> , jornais eletrônicos, <i>G1</i> , <i>UOL</i>)/	55,8	63,4	54,5
Confiabilidade (TV, jornais, jornais eletrônicos, <i>G1</i>)			
Pluralidade de opiniões (redes sociais, <i>Folha de S.Paulo</i> , <i>G1</i> , <i>UOL</i>)			13,6
Ótimos debates (<i>CNN</i>)			13,6
Atualização (TV, jornais, Twitter, <i>Folha de S.Paulo</i>)/			
Atualização (TV, <i>GloboNews</i>)/	23,2	4,9	4,5
Atualização (redes sociais)			
Praticidade (redes sociais, jornal eletrônico, rádio)/			
Praticidade (redes sociais, TV, rádio)/	13,9	9,7	9,0
Praticidade (<i>Jornal Nacional</i> , <i>UOL</i> , jornais eletrônicos)			
É possível opinar (jornais eletrônicos)	2,3		
Profundidade (jornais)/			
Profundidade (jornais, TV, <i>GloboNews</i>)	2,3	9,7	
Gratuitos (Instagram, Twitter)	2,3		
Diversidade de opiniões (Twitter, <i>Jornal Nacional</i>)		7,3	
Imparcialidade (site do <i>Terra</i> , <i>UOL</i>)		4,9	
É possível se posicionar (redes sociais)			4,5

■ Síntese de Flora Perelman

Avaliação dos meios de informação

Os meios avaliados:

- A TV e os jornais são as mídias mais valorizadas em todas as idades.
- As redes sociais são valorizadas no 8º e 9º ano.

Por que são valorizados?

- A confiabilidade é o critério de avaliação em todas as idades, vinculado com a TV e os jornais.
- A possibilidade de opinar aparece no 8º ano (redes sociais: 3,4%); no EM: na 1ª série (jornais eletrônicos: 2,3%) e na 3ª (redes sociais: 4,5%).
- A diversidade de opiniões aparece no EM: na 2ª série (Twitter, *Jornal Nacional*: 7,3%) e na 3ª (redes sociais, *Folha de S.Paulo*, *G1*, *UOL*: 13,6%).

Qual desses meios você **não** recomendaria? Por quê? (em %)

EF1		
4º ano	111 alunos	79 respostas
5º ano	106 alunos	84 respostas

Qual desses meios você não recomendaria? Por quê?	4º ano	5º ano
Redes sociais (<i>fake news</i> , não são seguras, tem muita mentira)/ Redes sociais (<i>fake news</i> , pouco informativas, você não sabe se o lugar onde a pessoa achou a notícia é confiável)	29,1	36,9
Rádio (não tem imagem, é antigo)/ Rádio (não explica tão bem as notícias, tem mais música do que notícias)	11,4	5,9
WhatsApp (<i>fake news</i> , você não deve confiar em tudo o que escuta, pode ter alguma coisa proibida para a sua idade)/ WhatsApp (<i>fake news</i> , qualquer um coloca notícia)	10,1	20,3
Não sei	7,6	8,3
Sites não oficiais (<i>fake news</i> , não são confiáveis)		4,8
TV (<i>fake news</i>)/ TV (ligada ao governo)	5,0	3,6
Facebook (muita mentira, <i>fake news</i>)/ Facebook	3,8	2,4
Jornal (pode estar infectado pelo coronavírus)	3,8	2,4
TikTok (não tem notícias, só vídeos engraçados)		2,4
Jornal eletrônico (<i>fake news</i>)		2,4
Instagram (qualquer pessoa pode colocar <i>fake news</i>)	2,5	
Google (às vezes a Internet mente, <i>fake news</i>)	2,5	
Globo (muita mentira)	2,5	

Amigos (alguns não sabem o que falam)/ Amigos (podem estar enganados)	1,2	1,2
Rede Record	1,2	
Twitter (<i>fake news</i>)		1,2
GloboNews (informações inapropriadas)		1,2
Nenhum (todos são eficientes e interessantes, não conheço, todos são bons)/ Nenhum (não conheço muitos, todos são confiáveis)	19,0	10,7

Os alunos do 4º e do 5º ano não indicam as redes sociais e o WhatsApp, por questionarem sua confiabilidade, e nem o rádio, por não conter imagem e por ser antigo (segundo os primeiros) e por não explicar bem as notícias e por tocar mais músicas do que informar (segundo os segundos). Nesse caso, o hábito familiar pode ter impactado nas respostas; por exemplo, se pensarmos nas estações que ouvem quando estão no carro.

Os alunos dos dois anos não indicam o jornal impresso, por conta do perigo de contaminação pelo coronavírus, e não pela confiabilidade do veículo de comunicação.

As redes sociais são tidas como inseguras e não confiáveis, por veicularem mentiras e terem conteúdo inadequado para a idade deles.

O termo *fake news* aparece nas respostas e pode estar relacionado com o trabalho realizado no 4º ano. O tema *fake news* é tratado nas rodas de conversa e debates sobre as notícias lidas.

O trabalho de leitura de textos jornalísticos pressupõe tanto a análise do texto escrito quanto de outros recursos que ajudam os leitores a compreenderem ou obterem informações mais aprofundadas sobre o tema noticiado, como, por exemplo: gráficos, infográficos, fotos e vídeos. O que nos faz pensar: e quando esses recursos não estão presentes? E quando a notícia é veiculada exclusivamente por áudio, como, por exemplo, por podcasts? Nesses casos, a notícia não é confiável? Estamos explorando o rádio como um meio de comunicação eficaz?

EF2		
6º ano	103 alunos	85 respostas
7º ano	115 alunos	132 respostas

“ *Rádio, porque eu prefiro escutar e ver a imagem a só escutar.* 6º ano

“ *Eu não recomendaria as redes sociais, pois as coisas postadas na maioria das vezes não são revisadas e qualquer um pode escrever o que quiser, ou seja, a chance de a opinião se sobrepôr à notícia é muito maior.* 7º ano

“ *Eu não recomendaria as redes sociais, porque é mais fácil a notícia ser fake news do que os outros meios, na minha opinião.* 7º ano

Qual desses meios você não recomendaria? Por quê?	6º ano	7º ano
Redes sociais (<i>fake news</i> , tem notícias que não são reais)/ Redes sociais (<i>fake news</i> , não são seguras, são viciantes, tem mais opinião do que notícia)	40,0	32,6
Rádio (não tem imagem, eles falam muito rápido, às vezes o som falha)/ Rádio (não tem imagem, não consigo entender)	11,8	9,8
WhatsApp (<i>fake news</i>)/ WhatsApp (<i>fake news</i> nos grupos de família)	10,6	15,9
Jornal (pode estar infectado com o coronavírus, me confundo com as páginas, prejudicial ao meio ambiente)/ Jornal (gasta papel, precisa ter tempo)	9,4	3,8
Não sei	7,0	18,9
Wikipedia (qualquer pessoa pode escrever)	2,3	
Google (<i>fake news</i>)	1,2	
Instagram (não é bom para notícias)/ Instagram (<i>fake news</i>)	1,2	3,8

YouTube (<i>fake news</i>)	1,2	0,7
SBT (<i>fake news</i>)	1,2	
TikTok	1,2	1,5
TV (só falam de tragédia)	1,2	1,5
CNN (muito parcial)	1,2	
Globo (confuso, difícil de entender, só desgraça)		3,0
Facebook (<i>fake news</i>)		2,2
Twitter (<i>fake news</i>)		1,5
Band (tudo vira piada, só tragédia)		1,5
Nenhum (todos são bons, é bom variar)/ Nenhum (todos são bons)	9,4	3,8

Os dados do 6º e do 7º ano são semelhantes. Os meios menos indicados foram as redes sociais, o rádio, o WhatsApp e o jornal. É interessante notarmos que, assim como nas demais séries, há uma identificação considerável entre rede social e *fake news*. Os alunos parecem identificar essas redes como fontes de informação suspeita. Talvez isso já seja um resultado das reflexões que temos proposto na Escola, aliadas a divulgações feitas sobre esse assunto na grande mídia, pois não podemos deixar de considerar que todos os segmentos reconheceram a TV como o meio mais confiável. Para uma parte dos alunos, o rádio também não é confiável, e aqui se colocam questões relativas à falta de imagem como sendo uma justificativa para o descrédito. O índice mostra que ainda é necessário fazer um trabalho com esse tipo de mídia que focaliza no áudio e que,

curiosamente, tem crescido no formato de podcast. O jornal é citado em sua versão impressa e associado à fonte de contaminação do vírus e, também, ao desperdício de papel — o que aponta para um dado que tem se concretizado nos últimos tempos: a rejeição ao jornal impresso.

No 7^o ano, observamos que as justificativas são um pouco mais elaboradas: o problema das redes sociais não seriam apenas as *fake news*, mas o fato de serem viciantes, oferecerem mais opinião do que notícia e, no caso do WhatsApp, as *fake news* estarem muito presentes nos grupos de família. Um dado que chama atenção na série é o índice de alunos que não soube identificar meios não recomendáveis — o maior do segmento.

EF2		
8º ano	140 alunos	122 respostas
9º ano	101 alunos	91 respostas

“ TV Record, muito sensacionalista, me irrita demais. 8º ano

“ Redes sociais, já que você não sabe a origem dessas informações e nem se são confiáveis. 9º ano

“ Eu não recomendaria o WhatsApp, pois ele vira uma corrente de fatos que vão sendo modificados cada vez mais. Então acaba virando um “telefone sem fio” que dá errado. 9º ano

“ Eu não recomendaria o jornal impresso, porque além de gastar papel, você precisa reservar um tempo só para ler o jornal e, às vezes, você acaba não lendo. 9º ano

Qual desses meios você não recomendaria? Por quê?	8º ano	9º ano
Redes sociais (<i>fake news</i> , não são confiáveis, informações incompletas, dramatizam as notícias)/ Redes sociais (<i>fake news</i> , não são confiáveis, as pessoas discordam e acabam discutindo)	43,4	40,6
Rádio (não tem imagem, não presto atenção, desinteressante, não fica claro, muita discussão e não notícia)	11,5	12,0
WhatsApp (quando a fonte é desconhecida, <i>fake news</i>)/ WhatsApp (não é confiável, telefone sem fio, não tem as fontes, <i>fake news</i>)	10,7	13,2
Jornal (mais complicado de entender, difícil de manusear, cansativo de ler, desatualizado)/ Jornal (é pago, não é eficiente, ultrapassado, não é sustentável)	8,2	8,8
Não sei (não tenho opinião formada)/ Não sei	5,7	3,3

Instagram (<i>fake news</i>)/ Instagram (<i>fake news</i> , não é confiável)	4,9	5,5
Twitter (<i>fake news</i>)/ Twitter (todos falam qualquer coisa)	2,4	2,2
Band (distorcem os fatos)	0,8	
Revista impressa (é cansativo)	0,8	
TV (não gosto de ver imagens de acidentes)	0,8	
Sites não oficiais (<i>fake news</i>)		4,4
SBT (não é confiável)		1,0
Brasil Urgente (notícias exageradas)		1,0
Nenhum (recomendo todos)/ Nenhum (todos são importantes, é uma questão de preferência)	9,8	7,7

No 8º e no 9º ano, os alunos não recomendam, principalmente, as redes sociais, o rádio, o WhatsApp e o jornal. É interessante notarmos que, assim como nas demais séries, há uma identificação grande entre rede social e *fake news*. Notamos, no entanto, que as justificativas mostram aspectos diferentes: para o 8º ano, nas redes sociais, as informações seriam incompletas, haveria uma dramatização das notícias e as fontes seriam desconhecidas. Já para o 9º, nas redes sociais, as informações não seriam confiáveis, as fontes não estariam indicadas e, também, haveria nesse meio um potencial elevado de discussão — o que parece ser mal visto. Em relação ao rádio, por exemplo, além da falta de imagem, há um reconhecimento por parte das respostas do 8º ano de que o excesso de comentários pode afetar a comunicação da notícia. O jornal também é as-

sociado à versão impressa, e, sobre ela, há várias críticas: talvez uma linguagem mais complicada, o manuseio incômodo, o cansaço provocado e a desatualização (para o 8^o); e por ser mídia paga, a falta de eficiência, ser ultrapassado e, também, não sustentável (para o 9^o). Dados que apontam, mais uma vez, para um fato que tem se concretizado nos últimos tempos: a rejeição ao jornal impresso.

EM		
1ª série	94 alunos	94 respostas
2ª série	101 alunos	103 respostas
3ª série	52 alunos	47 respostas

“ *WhatsApp, porque na maioria das vezes ocorre uma disseminação de desinformação apenas para difamar assuntos ou pessoas, partidos etc.*

1ª série

“ *Eu não recomendo meios muito ideológicos, como The intercept, Quebrando o Tabu, Foco do Brasil e Midia Ninja.*

2ª série

“ *Televisão, porque a qualidade cai cada vez mais em tentativas de recuperar audiência perdida para meios digitais.*

2ª série

Qual desses meios você não recomendaria? Por quê?	1ª série	2ª série	3ª série
Redes sociais (<i>fake news</i> , fontes não confiáveis, não há filtros, usos distorcidos de dados)/ Redes sociais (<i>fake news</i> , fontes não confiáveis)	40,4	31,1	27,6
WhatsApp (não sabemos as fontes, não há controle, <i>fake news</i>)/ WhatsApp (não sabemos as fontes, não tem filtros, <i>fake news</i> , os grupos de família são um perigo)/ WhatsApp (não sabemos as fontes, <i>fake news</i> , menos confiável)	30,8	31,1	25,5
Jornal (confuso, tem custo, gera lixo, não leia um único jornal)/ Jornal (chato de ler, alguns não são confiáveis, pode estar infectado)	5,3	2,9	
Rádio (não tem imagem, muito antigo)/ Rádio	3,2	0,9	2,1
Jornais eletrônicos (<i>fake news</i> , desatualizados)	3,0		
YouTube (<i>fake news</i>)/ YouTube (<i>fake news</i> , há comércio)	2,1	1,9	

Folha de S.Paulo (não são imparciais)	2,1		
Wikipedia (não explica bem)	2,1		
Sites sensacionalistas	1,0		
Instagram (fontes não confiáveis)/ Instagram (sensacionalistas, <i>fake news</i>)/ Instagram (<i>fake news</i>)	1,0	4,8	8,5
O Estado de S. Paulo (não são imparciais)	1,0		
Twitter (muita divergência de opiniões)/ Twitter (sem credibilidade)/ Twitter	1,0	0,9	2,1
Não sei	1,0	2,9	6,4
TV (manipuladora)		3,9	2,1
Jornal El País		0,9	
The Intercept (muito ideológico)		0,9	
TV Record (muito sensacionalista)		0,9	
Sites não oficiais (não são confiáveis)		0,9	
Band		0,9	
Facebook (<i>fake news</i>)		0,9	4,2
Globo			4,2
Mídia Ninja (muito ideológico)			4,2
Brasil 247 (exige alto conhecimento prévio)			2,1
MBL (<i>fake news</i>)			2,1
O Antagonista (muito de direita)/ O Antagonista (disseminadores de <i>fake news</i>)		0,9	2,1
CNN Brasil (fatos distorcidos)		0,9	
Nenhum (todos são importantes, cada um se encaixa numa realidade)/ Nenhum (todos são recomendáveis)/ Nenhum	5,3	9,7	6,4

Na 1ª série do EM, salta aos olhos, em primeiro lugar, a desconfiança em relação às redes sociais e ao WhatsApp, algo que já aparecera em outras séries. Parece haver, ademais, ainda pouca familiaridade com veículos que representem alternativas à grande mídia. Indício disso é que, como veículos noticiosos, são citados apenas a *Folha* e o *O Estado de S. Paulo*, ambos sendo contraindicados — ainda que com uma incidência pequena — devido ao julgamento de falta de imparcialidade. Uma hipótese que talvez dê conta desse fato é terem os estudantes, no início do Ensino Médio, desenvolvido ainda pouca autonomia para a busca de fontes alternativas de notícias (na internet, por exemplo), o que, evidentemente, lhes impediria de contraindicá-las.

Já na 2ª série, além da desconfiança em relação às redes sociais e ao WhatsApp, podem-se destacar as primeiras menções a veículos não pertencentes à tradicional grande mídia brasileira. São citados, nessa condição, *El País*, *The Intercept*, *O Antagonista* e *CNN*. Salta aos olhos, também, a justificativa para que dois dos veículos mencionados sejam tidos como pouco confiáveis: “muito ideológico”, para *The Intercept*, e “muito de direita”, para *O Antagonista*. Podem-se deduzir disso dois lados de uma mesma moeda: a) a pouca aceitação, por parte dos estudantes, de veículos que explicitam mais claramente suas premissas político-ideológicas (de esquerda, no caso do *The Intercept* e de direita, no caso de *O Antagonista*); b) o desejo por veículos que se guiem por certo “equilíbrio” político-ideológico em suas linhas editoriais.

Levando tal hipótese adiante, pode-se interpretá-la, talvez, como incômodo com a polarização política de todos os campos da vida social; ou mesmo como indício de manutenção de certa ingenuidade do alunado em relação a valores como “imparcialidade”, “neutralidade” etc. Contudo, destaque-se positivamente o surgimento de rudimentos de autonomia na busca por notícias, o que seria denotado pela própria menção a veículos menores.

Na 3ª série, mantém-se a desconfiança em relação às redes sociais e ao WhatsApp (aparentemente, cristalizada em várias etapas da escolaridade); e mantém-se, ainda, a menção a veículos da mídia alternativa, já presente na 2ª série. Trata-se de veículos, em sua maior parte, diferentes dos citados na 2ª série; mas que mantêm o equilíbrio político-ideológico, com a menção a dois veículos situados mais à direita (*O Antagonista*; e MBL – que nem sequer pode ser considerado veículo de imprensa, mas um movimento político) e dois veículos situados mais à esquerda (*Mídia Ninja* e *Brasil 247*). As diferenças em relação às outras séries aparecem, especialmente, nas justificativas para a contraindicação de certos veículos, com especial destaque para o que é dito de *O Antagonista* (“disseminadores de *fake news*”) e de *Brasil 247* (citado como demandando “alto conhecimento prévio”).

■ Síntese de Flora Perelman

Avaliação negativa das mídias usadas para informar-se

As mídias avaliadas negativamente

- As redes sociais são as mais mencionadas com mais frequência em todas as idades.
- O WhatsApp e o rádio são os menos citados em todas as idades.

Por que são avaliadas negativamente?

- Redes sociais: *fake news*, não são seguras, tem muita mentira, tem notícias que não são reais, pouco informativas, informações incompletas, dramatizam as notícias, é mais opinião do que notícia, você não sabe se o lugar onde a pessoa achou a notícia é confiável, fontes não confiáveis, não há filtros, usos distorcidos de dados, as pessoas discordam e acabam discutindo, são viciantes.
- WhatsApp: *fake news*, quando a fonte é desconhecida, não tem as fontes, não há controle, você não deve confiar em tudo o que escuta, os grupos de família são um perigo, pode ter alguma coisa proibida para a sua idade, qualquer um coloca notícia.
- Rádio: não tem imagem, é antigo, não explica tão bem as notícias, muita discussão e não notícia, as pessoas comentam qualquer coisa, muito demorado, não consigo entender.

Conclusões gerais – Flora Perelman

1. As notícias da mídia são uma fonte de informação sobre o mundo para estudantes de todas as idades.
2. A citação de mais de uma notícia aumenta com a idade, assim como a diversificação dos interesses políticos.
3. A família tem um peso muito importante na transmissão das notícias, bem como no intercâmbio interpretativo. Em seguida, vêm escola e amigos.
4. A TV é uma das mídias mais consultadas em todas as idades e concebida como muito confiável, assim como o jornal.
5. As redes sociais estão crescendo em seu uso para informação, mas são percebidas como não confiáveis.
6. A confiabilidade das notícias está intimamente ligada ao apoio da mídia (TV, jornal, rede social).
7. A partir do 8º ano, há sinais de que os meios de comunicação estão sendo valorizados como possíveis espaços de participação.
8. No final do EM (2ª e 3ª série), aparece a ideia de múltiplos pontos de vista na mídia.

o papel da escola na leitura crítica de notícias

Os resultados da pesquisa da professora Flora Perelman com os alunos do Vera apontam caminhos para a construção de importantes ações didáticas que fomentem o ensino e a aprendizagem da leitura crítica de notícias. Se na família é comum conversar sem compromisso sobre informações veiculadas por diferentes mídias, compartilhando saberes e interpretações, é na escola que a educação midiática encontrará um terreno propício, porque marcado por intencionalidades pedagógicas que visam o aprimoramento do pensamento crítico progressivo. Considerando a educação midiática como um direito dos alunos e das alunas como cidadãos e cidadãs, cabe à escola promover o desenvolvimento de práticas sociais que tenham como foco o olhar crítico para a indústria da mídia e seu poder de moldar a realidade.

A escola precisa revisitar os costumeiros objetos de conhecimento do campo jornalístico/midiático com os quais tem lidado, identificar de forma mais investigativa os processos de aprendizagem dos alunos e as condições didáticas essenciais para que tornem cada vez mais elaborado seu espírito crítico. É fundamental,

por exemplo, ampliar o conceito de notícia, vinculando esse gênero a uma complexa rede de interesses sociais, políticos e econômicos – ou seja, aprofundar o contexto de produção desse gênero para que os alunos possam entender que não existe neutralidade nesses textos e, por isso, eles não devem ser consumidos como fontes de informação isentas de posicionamentos.

Além dos aspectos textuais próprios da língua escrita e da oral, a escola também deve tratar das diversas linguagens audiovisuais que compõem a notícia midiática, entendendo que nesse aspecto residem muitas intenções: a gestão das imagens e dos sons nesses textos implica a construção de sentidos. Com esse trabalho escolar, os alunos devem se entender como público leitor, telespectador ou ouvinte, como pessoas que interpretam textos e seus aspectos semióticos de forma reflexiva e ativa.

Para que a educação midiática ocorra de forma sistemática, e para que todos da comunidade escolar se beneficiem dos aprendizados, Flora Perelman propõe que sejam feitos trabalhos colaborativos entre pesquisadores e professores por meio de projetos de ensino que considerem três etapas fundamentais: construção e aplicação de sequências didáticas e análise de resultados. A partir das pesquisas conduzidas na Universidade de Buenos Aires, foi elencada uma série de condições didáticas¹ que podem favorecer a construção de uma progressiva criticidade na abordagem de notícias e seus modos de produção:

- planejar uma sequência didática que contenha diversidade de situações e múltiplas produções midiáticas para serem analisadas ao longo de um período prolongado. É essencial que haja momentos de compartilhamento de interpretações, em que os professores façam intervenções;
- apresentar aos alunos o propósito da sequência e suas relações com as situações didáticas que a compõem, para que se envolvam com a proposta e assumam responsabilidades;
- criar ferramentas que permitam conhecer as ideias dos alunos e favorecer sua explicitação e compartilhamento com os colegas;
- ler as notícias considerando seu contexto de produção, ou seja, reconhecendo o suporte e o veículo onde circulam e identificando os diferentes elementos que as compõem, além das intencionalidades que marcam essa produção;
- comparar primeiras páginas, inícios de telejornais ou uma mesma notícia em diversos contextos e seguir uma notícia por um determinado período para entender que esses meios não refletem a realidade, mas a representam, de acordo com certa perspectiva;
- analisar com atenção as fotos e demais produções audiovisuais,

1. PERELMAN, F.; NAKACHE, D.; BERTACCHINI, P. et al. Lectura crítica de noticias en la escuela. Interrelaciones entre investigación psicológica y didáctica. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y PRÁCTICA PROFESIONAL EN PSICOLOGÍA, XI; JORNADAS DE INVESTIGACIÓN, XXVI; ENCUENTRO DE INVESTIGADORES EN PSICOLOGÍA DEL MERCOSUR, XV, 2019, Buenos Aires. *Memorias del XI Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología, XXVI Jornadas de Investigación y XV Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR*. Buenos Aires: Facultad de Psicología, UBA, 2019. p. 223-227. Disponível em: <https://www.academica.org/000-111/813.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

pois não só o texto escrito ou oral constrói sentido, como também todos os elementos semióticos que integram as notícias;

- | questionar a quem se destinam as notícias, identificando as marcas que se dirigem a um suposto modelo de leitor;
- | analisar, rigorosamente, as marcas linguísticas/semióticas e discursivas das notícias, para detectar as intenções de captação, orientação e persuasão do leitor;
- | buscar outras fontes de informação para obter mais profundidade nas análises;
- | gerar textos intermediários ou de trabalho durante a análise de notícias para constituir um repertório sobre os aprendizados; e

- | realizar produções de textos jornalísticos, no contexto escolar ou mesmo familiar, que conduzam a releituras e avanços na reflexão sobre as notícias midiáticas.

A escola, portanto, é o espaço ideal para a formação do leitor crítico de notícias, alguém capaz de identificar as intenções que mobilizam o universo midiático, tendo desenvolvido potentes ferramentas de análise. É também o lugar onde os fazeres pedagógicos vão se constituindo de forma investigativa, para que todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem sejam capazes de exercer sua cidadania.

referências bibliográficas

- BUCKINGHAM, D. *Educación en medios. Alfabetización, aprendizaje y cultura contemporánea*. Barcelona: Paidós Comunicación, 2005.
- BUCKINGHAM, D. The media education manifesto. *European Journal of Communication*, v. 35, n. 1, 2020.
- CASTORINA, J. A. La psicología del desarrollo y la teoría de las representaciones sociales. La defensa de una relación de compatibilidad. In: CASTORINA, J. A.; BARREIRO, A. (coord.). *Representaciones sociales y prácticas en la psicogénesis del conocimiento social*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2014.
- DOSSIÊ Pós-verdade e jornalismo. *Revista USP*. São Paulo, n. 116, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/10663>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- FERRARI, A. C.; OCHS, M.; MACHADO, D. *Guia da educação midiática*. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/guia>. Acesso em 15 mar. 2021.
- LEER medios en tiempos de infodemia. *Ministerio de Educación e Innovación del Gobierno de la Ciudad*. Programa medios en la escuela. Disponible em: <https://ciccu.org.ar/2020/06/04/leer-medios-en-tiempos-de-infodemia/>. Acesso em 15 mar. 2021.
- LERNER, D. *Leer para aprender historia: una investigación colaborativa protagonizada por equipos de docente*. Buenos Aires: UNIPE Editorial Universitaria, 2017.
- MASTERMAN, L. Media education: theoretical issues and practical possibilities. *Prospects*, v. 13, n. 2, 1983.
- PERELMAN, F. (coord.). *Enseñando a leer en internet: pantalla y papel en las aulas*. Buenos Aires: Aique, 2011.
- PERELMAN, F.; ESTEVEZ, V. *Herramientas para enseñar a leer y producir en medios digitales*. Buenos Aires: Aique, [s.d.].
- PERELMAN, F.; NAKACHE, D.; BERTACCHINI, P. et al. Lectura crítica de noticias en la escuela. Interrelaciones entre investigación psicológica y didáctica. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y PRÁCTICA PROFESIONAL EN PSICOLOGÍA, XI; JORNADAS DE INVESTIGACIÓN, XXVI; ENCUENTRO DE INVESTIGADORES EN PSICOLOGÍA DEL MERCOSUR, XV, 2019, Buenos Aires. *Memorias del XI Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología, XXVI Jornadas de Investigación y XV Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR*. Buenos Aires: Facultad de Psicología, UBA, 2019. p. 223-227. Disponível em: <https://www.academica.org/000-111/813.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- PIAGET, J.; GARCÍA, R. *Psicogénesis e historia de la ciencia*. México: Siglo XXI, 1982.
- SANTAELLA, L. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.



Em quase seis décadas de existência, a Escola Vera Cruz tem realizado um trabalho expressivo com as diversas práticas de linguagem, tendo na leitura um viés precioso. Desde a Educação Infantil até a pós-graduação, a formação de uma comunidade leitora – que envolve alunos, educadores e funcionários – revela um princípio fundamental do projeto político-pedagógico da Escola. O expressivo acesso às bibliotecas da instituição e o exercício dos projetos cidadãos, como o Encontros de Leitura e a Rede Vaga Lume, demonstram que a leitura como prática cidadã ultrapassa os limites da Escola. Além disso, o Instituto Vera Cruz é uma referência na área, com a oferta de cursos que ampliam as possibilidades de produção acadêmica e experiential relativas à formação de leitores e escritores. O fazer investigativo é um princípio norteador de nossas ações pedagógicas e, por isso, é profunda a satisfação de participar de uma pesquisa relacionada à leitura de notícias, um importante gênero discursivo do campo jornalístico/midiático. Hoje, sabemos que as notícias constroem realidades; é um papel importantíssimo da escola trabalhar com a formação de seu aluno, para que alcance uma crítica progressiva, ao longo de sua escolaridade, em relação ao poder das mídias. Nesta publicação, a professora doutora Flora Perelman analisa os resultados de uma pesquisa com nossos alunos, desde o 4º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio. A pesquisa, “Como nossos alunos se relacionam com as mídias?”, já havia sido feita em escolas públicas do município de Buenos Aires e, a convite de Flora, a repetimos no Vera. São várias perguntas, que buscamos investigar como nos